

**MULHER  
ARTISTA  
PRESENTE**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA**

**CAROLINE MACHADO DA SILVA**

**MULHER ARTISTA PRESENTE**

**CRICIÚMA**

**2019**

**CAROLINE MACHADO DA SILVA**

**MULHER ARTISTA PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Ma. Daniele Cristina Zacação Pereira

**CRICIÚMA**

**2019**

**CAROLINE MACHADO DA SILVA**

**MULHER ARTISTA PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 29 de novembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Daniele Cristina Zacarão Pereira – Mestra - (UDESC) - Orientadora

Prof<sup>a</sup>. Angélica Neumaier – Mestra - (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Diane Sbardelotto – Mestra - (UFRGS)

**Dedico às mulheres professoras/artistas feministas, que lutam diariamente por seus direitos e de suas semelhantes através do seu ativismo.**

## AGRADECIMENTOS

Encontrar coisas ou pessoas para “agradecer” é recordar todo o meu caminho percorrido até chegar aqui. Gratidão a todas às pessoas que me acrescentaram de alguma forma para me tornar a mulher que eu sou hoje, ao universo por apresentar obstáculos em minha vida e me ensinar a fazer disso uma luta feminista, política e social.

Meus agradecimentos especiais vão às professoras, artistas e feministas do curso de Artes Visuais – UNESCO, que me impulsionaram e inspiraram a ser uma artista, ativista, feminista, me instigando a questionar o lugar da mulher artista feminista na arte e ocupar lugares da sociedade para desarmar o patriarcado.

Agradecer à minhas amigas e colegas que fazem parte desse percurso, à **Bruna Ribeiro, Júlia Alvarez, Marina Guidi, Stéfany Ribeiro e Talia Jeremias**, que são artistas que defendem os direitos das mulheres através de seu ativismo ou gritos de guerra.

Contudo, à todas mulheres feministas, artistas, autoras, que sempre lutaram por nossos direitos e lugares de fala. Saber que há tantas mulheres engajadas nesta causa, me faz sentir estar dentro de um elo de proteção e me encorajando a pedir por respeito ao meu corpo, por justiça às mulheres que sofreram alguma violência, lutar pela não objetificação do corpo feminino, entre muitas outras lutas do feminismo, para assim viver num lugar onde nós mulheres não sejamos vistas/tratadas como a carne dos homens.

Todas juntas resistindo através das várias formas de ativismo. Sigo como artista. Mulher Artista Presente!

**“We don’t need another hero.”**

**Barbara Kruger**

## RESUMO

A pesquisa “Mulher Artista Presente” está inserida na linha de pesquisa Educação e Arte, do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, e tem como método a abordagem cartográfica. A partir das minhas experiências com estágios e como mulher artista, identifiquei alguns indícios da ausência da mulher artista no ambiente escolar, em vista disso, apresento como problema de pesquisa a questão: “Qual o lugar das mulheres artistas nos livros didáticos da disciplina de Artes?”. Assim, pretende-se mapear como são abordadas as artistas e suas produções no livro didático, dialogando com autoras mulheres como **Abreu** (2015), **Calil** (2018), **Coutinho** (2009), **Loponte** (2015), **Louro** (2014), **Nochlin** (2016) e **Ribeiro** (2019); conseqüentemente, faz-se necessário também discutir a atuação da mulher artista feminista e seus ativismos presentes no contexto contemporâneo, e neste sentido, propõe-se reflexões com as autoras feministas **Adichie** (2018), **Beauvoir** (2016), **Fajardo-Hill** (2018), **Giunta** (2018) e **Tiburi** (2018), e mulheres artistas feministas, tal como, **Ana Vitória Jiménez**, **Guerrilla Girls**, **Isabel Castro**, **Maria Luiza Bemberg**, entre outras. Com base nos estudos realizados, finalizo esse percurso com uma proposta de oficina de capacitação para professores(as).

**Palavras-chave:** Mulher artista. Livro didático. Feminismo. Ativismo.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 Ferramenta de uso para macho – Carol Machado, 2017.....	15
Figura 02 Ferramenta de uso para macho – Carol Machado, 2017 .....	15
Figura 03 Ferramenta de uso para macho – Carol Machado, 2017.....	16
Figura 04 Ferramenta de uso para macho – Carol Machado, 2017.....	16
Figura 05 Censura e Tortura, ainda há ditadura – Carol Machado, 2017.....	18
Figura 06 Censura e Tortura, ainda há ditadura – Carol Machado, 2017.....	18
Figura 07 Censura e Tortura, ainda há ditadura – Carol Machado, 2017.....	19
Figura 08 Corpo Feminino como Tela - Carol Machado, 2017.....	20
Figura 09 Corpo Feminino como Tela - Carol Machado, 2019.....	21
Figura 10 Oficina Pintura Corporal: Pintura no Corpo Feminino como Tela, 2018.....	22
Figura 11 Oficina Pintura Corporal: Pintura no Corpo Feminino como Tela, 2018.....	22
Figura 12 Oficina Pintura Corporal: Pintura no Corpo Feminino como Tela, 2018.....	23
Figura 13 Sem Título – Carol Machado, 2018.....	24
Figura 14 Sem Título – Carol Machado, 2018.....	24
Figura 15 Conservadorismo – Carol Machado, 2019.....	25
Figura 16 Conservadorismo – Carol Machado, 2019.....	26
Figura 17 Facial Hair Transplants - Ana Mendieta, 1972.....	27
Figura 18 Feminismo pelos espaços da escola: falas de alunos(as), 2018.....	27
Figura 19 Feminismo pelos espaços da escola: falas de alunos(as), 2018.....	28
Figura 20 Capa, Livro didático Arte por toda parte, 2016.....	30
Figura 21 Página 90, Livro didático Arte por toda parte, 2016.....	32
Figura 22 Página 91, Livro didático Arte por toda parte, 2016.....	33
Figura 23 Casa com vista para o mar - Marina Abramovic, 2002.....	34
Figura 24 Página 123, Livro didático Arte por toda parte, 2016.....	35
Figura 25 Página 151, Livro didático Arte por toda parte, 2016.....	36
Figura 26 Página 159, Livro didático Arte por toda parte, 2016.....	37

Figura 27	Página 73, Livro didático Arte por toda parte, 2016.....	39
Figura 28	Página 33, Livro didático Arte por toda parte, 2016.....	40
Figura 29	<i>El mundo de la mujer</i> - María Luisa Bemberg, 1972.....	45
Figura 30	<i>Waiting</i> - Josely Carvalho, 1982.....	46
Figura 31	<i>Women under Fire</i> - Isabel Castro, 1980.....	47
Figura 32	O risco do bordado - Liliane Dardot, 1981.....	48
Figura 33	<i>Cuaderno de tareas</i> - Ana Victoria Jiménez, 1978 – 1981.....	49
Figura 34	Marca registrada - Letícia Parente, 1975.....	49
Figura 35	Peça Feminina - Stéfany Ribeiro, 2017.....	50
Figura 36	Eu Sou Minha Própria Musa - Bruna Ribeiro, 2016.....	51
Figura 37	Uma mulher sem medo esteve aqui - Lia Jeremias, 2017.....	52
Figura 38	Uma mulher sem medo esteve aqui - Lia Jeremias, 2017.....	52
Figura 39	Poster – <i>Guerrilla Girls</i> , 1989.....	53
Figura 40	Poster – <i>Guerrilla Girls</i> , 1989.....	54

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA Bahia

FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IPT instituto de Pesquisas Tecnológicas

MEC Ministério da Educação

MG Minas Gerais

PNDL Programa Nacional do Livro Didático

SC Santa Catarina

SEB Secretaria de Educação Básica

TVs Televisão

UFBA Universidade Federal da Bahia

UNE União Nacional dos Estudantes

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

USC *Outpatient Surgery Center*

## SUMÁRIO

<b>1 MULHER ARTISTA PRESENTE? .....</b>	<b>11</b>
<b>2 EU, MULHER ARTISTA.....</b>	<b>14</b>
<b>3 MULHER ARTISTA NO LIVRO DIDÁTICO .....</b>	<b>29</b>
<b>4 MULHER ARTISTA RESISTE .....</b>	<b>42</b>
<b>5 OFICINA: MULHER ARTISTA PRESENTE .....</b>	<b>60</b>
5.1 JUSTIFICATIVA.....	60
5.2 OBJETIVO GERAL.....	60
5.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	61
5.4 CARGA HORÁRIA.....	61
5.5 PÚBLICO ALVO .....	61
5.6 EMENTA.....	61
5.7 METODOLOGIA.....	61
5.8 REFERÊNCIAS.....	62
<b>6 MULHER ARTISTA, HOJE E SEMPRE .....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>

## 1 MULHER ARTISTA PRESENTE?

Desde pequena, nas aulas de Artes, sempre me fascinou a possibilidade de poder entrar em diversos mundos e ter contato com o sensível, mas, apenas consigo me lembrar de obras de arte de artistas homens sendo apresentadas em sala de aula.

Na adolescência já tinha certeza que queria ser artista e até então minhas inspirações eram artistas homens, como por exemplo, Leonardo Da Vinci. Meu campo de conhecimento e senso crítico se ampliaram quando iniciei o Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, principalmente durante a 4º fase, durante a disciplina de Pintura e Pesquisa, na qual produzi um trabalho mais autoral, ligado às minhas vivências. Minha produção artística virou meu próprio espelho, refletindo questões da mulher no meio social.

Encontrei nessa jornada muitas artistas mulheres que carregam diversas lutas, como a invisibilidade no circuito e história da arte, a busca pelos mesmos direitos que os homens, a quebra de estereótipos do perfil feminino, a violência contra as mulheres, entre outros. O contato com essas artistas e suas produções, me encorajaram muito a querer cada vez mais lutar por essas questões ligadas à mulher, que estão conectadas a mim. O tema de foco maior em meus trabalhos é o abuso sexual, trazer à tona essa temática é abrir um lugar de fala, tornar visível uma realidade vivenciada por muitas mulheres e meninas, bem como, evidenciar os trabalhos de artistas mulheres e os temas de suas produções.

Tudo o que sabemos sobre as mulheres primeiro foi contado pelos homens. Da filosofia à literatura, da ciência ao direito, o patriarcado confirma a ideia de que todo documento de cultura que restou é um documento de barbárie. Demorou para que as mulheres conquistassem o seu lugar de fala, o seu direito de dizer o que aconteceu, o seu direito de pesquisa e de memória. O feminismo se construiu a partir dessa conquista da liberdade de expressão. (TIBURI, 2018, p. 48)

Eu enquanto mulher, artista e professora em formação, diante desses espaços de (in)visibilidade da mulher artista, em especial olhando para o contexto do ambiente escolar e as aulas de Artes, sinto-me estimulada a investigar no livro didático como os trabalhos de artistas mulheres estão sendo apresentados e quem são essas artistas.

Com a ausência de referências de mulheres artistas que tive nas minhas aulas de Artes na escola, e a falta de discussões sobre temas que elas trazem em suas produções, me impulsiona a introduzir no ambiente escolar, artistas mulheres feministas que relacionam com o contexto contemporâneo, refletindo o meio social e político vivenciado(a) pelo(a) aluno(a).

É irônico que as qualidades que têm sido celebradas na arte do século XXI – o posicionamento contra a ordem estabelecida, o experimentalismo, a originalidade e o não conformismo – muitas vezes não se apliquem quando se trata de artistas mulheres. Um preconceito primordial é que as artistas mulheres simplesmente não seriam tão boas quanto os homens. Portanto, a pergunta crucial, “onde estão as artistas mulheres?”, acaba sendo ignorada. (GIUNTA, FARJADO-HILL, 2018, p. 21)

Consequentemente, pensar a mulher artista dentro do espaço da educação é se perguntar, onde estão elas? Assim, a pesquisa surge de uma questão: Qual o lugar das mulheres artistas nos livros didáticos da disciplina de Artes? Investigar o livro para saber como constroem o lugar de fala das mulheres artistas, como apresenta as artistas e suas produções e quem escreve sobre elas.

Neste movimento, essa pesquisa tem referências de apenas autoras/artistas mulheres e análises de artistas mulheres contemporâneas sobre a mulher no campo da arte, no projeto também apresento minhas experiências e trabalhos como mulher artista e futura professora de Artes. Baseado nisso, meu estudo se caracteriza como uma pesquisa cartográfica pois dialogarei com minhas produções e experiências, construindo caminhos e desvios a partir do contato com autoras que tratam do tema em questão.

[...] De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método *ad hoc*. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 32)

A investigação inicia com uma análise do livro didático “*Arte por toda parte*”, usado na disciplina de Artes da rede pública de ensino do Estado de Santa Catarina, por isso, vai ao encontro da linha de pesquisa Educação e Arte, que abrange

pesquisas sobre os princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte, a formação de professores, as artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas e estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação

No segundo capítulo, chamado *Eu, Mulher Artista*, apresento minhas produções enquanto mulher artista, refletindo discursos femininos ligados à sociedade, acrescentando minhas experiências de estágios pelo curso de Artes Visuais – Licenciatura. Para tais reflexões, utilizo as autoras **Giunta** (2018) e **Fajardo-Hill** (2018).

Em seguida, no terceiro capítulo, *Mulher Artista No Livro Didático*, analiso o livro didático estadual do Ensino Médio “*Arte por toda parte*”, problematizando sobre a forma que são exibidas as mulheres artistas e suas produções. Abordo a necessidade de artistas feministas nas escolas trazendo como referências **Abreu** (2015), **Calil** (2018), **Coutinho** (2009), **Loponte** (2015) e **Louro** (2014).

O capítulo *Mulher Artista Resiste*, ressalta mulheres artistas feministas e ativistas<sup>1</sup>, contesta a invisibilidade da mulher artista e o lugar social da mulher. Assim, discutem com mais profundidade tais questões as autoras **Adichie** (2018), **Barbosa** (2019), **Beauvoir** (2016), **Calil** (2018), **Fajardo-Hill** (2018), **Giunta** (2018), **Nochlin** (2016), **Ribeiro** (2019), e **Tiburi** (2018).

Como resultados dessas investigações, tentando solucionar meu problema de pesquisa, proponho a *Oficina: Mulher Artista Presente*, onde apresento a problemática e reflexões sobre a ausência das mulheres artistas nas aulas e nos livros didáticos da disciplina de Artes, incentivando os(as) professores(as) a trabalhar artistas feministas nas aulas de Artes e ampliar os seus olhares para o livro didático em relação as artistas.

Finalizo com considerações sobre o processo da pesquisa, apresentando os resultados e futuros desdobramentos em *Mulher Artista, Hoje e Sempre*, em que enfatizo a necessidade de a mulher artista ocupar seu lugar no ambiente escolar e no espaço social, conseqüentemente deposito meu interesse em dar continuidade nessa pesquisa.

---

<sup>1</sup> Artivismo: Uma combinação de arte e ativismo.

## 2 EU, MULHER ARTISTA

Meus primeiros trabalhos autobiográficos, que trazem à tona a poética de ser mulher, foram uma série de quatro vidros pintados com tinta acrílica, me retratando através de desenhos e poemas. As produções foram realizadas na disciplina Pintura e Pesquisa no ano de 2017, no qual a proposta das aulas era pensar um outro suporte para pintura. Assim, os vidros foram os meus suportes, remetendo à necessidade do cuidado e afeto uns com os outros no meio social, nesta analogia, o vidro pode se quebrar a qualquer momento, assim como acontece com vidas que são diariamente “quebradas”, através de todos os tipos de violência.

Uma sociedade patriarcal que faz mulheres e meninas reféns do seu poder, com muita agressão física e verbal, neste contexto, as pinturas remetem ao abuso sexual infantil, em que as marcas acompanham esse corpo por toda vida. São três pinturas em vidros de desenhos feitos com tinta acrílica, e um vidro com escritas de um poema autoral. A produção se intitula *Ferramenta de uso para macho* (2017), dialoga com a narrativa do macho que se acha superior a fêmea e tenta dominá-la, esse comportamento está presente em vários casos enraizados no cotidiano, como relacionamentos abusivos, feminicídios, estupros, diferença salarial entre homens x mulheres e outros.

Esses trabalhos participaram da exposição *Pintura e Pesquisa* (2018), realizada na Sala Edi Balod - Espaço de exposição e Laboratório de Artes Visuais, em Criciúma (SC). Para elaboração desse trabalho, minhas referências foram as artistas **Frida Kahlo**, **Ana Mendieta** e **Barbara Kruger**<sup>2</sup>, em seus trabalhos, elas trazem questões sobre um sistema social que agride de todas as formas mulheres e meninas, tais artistas se colocam como tema de suas produções refletindo suas vivências e afetando outras pessoas a se preocuparem com tal situação, uma situação de urgência que ainda ocorre em todo o lugar do mundo e mesmo nos dias atuais carrega muita força e poder.

---

<sup>2</sup> Todos os nomes de artistas mulheres citados nesta pesquisa estarão em negrito, evidenciando assim sua importância na construção desse trabalho de conclusão de curso.



Figura 01 – Ferramenta de uso para macho – Carol Machado, 2017



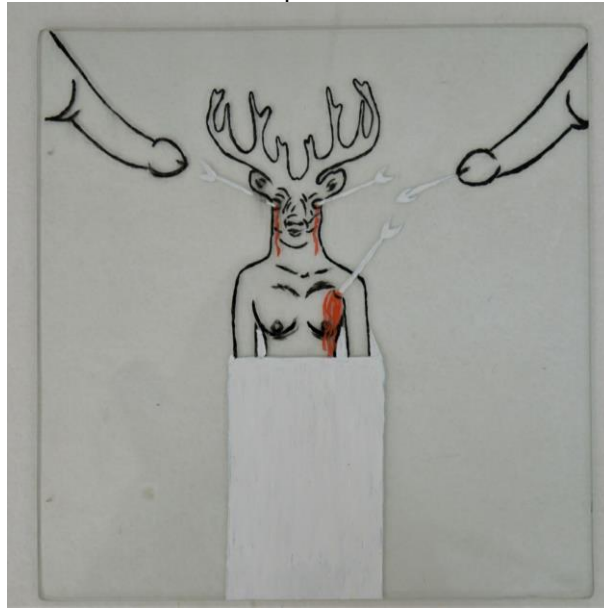
Fonte: Acervo pessoal

Figura 02 – Ferramenta de uso para macho – Carol Machado, 2017



Fonte: Acervo pessoal

Figura 03 – Ferramenta de uso para macho – Carol Machado, 2017



Fonte: Acervo pessoal

Figura 04 – Ferramenta de uso para macho – Carol Machado, 2017<sup>3</sup>



Fonte: Acervo pessoal

Em seguida, coletei notícias de jornais com relatos de violências contra mulheres, desde a ditadura militar no Brasil aos dias atuais, na cidade de Criciúma,

<sup>3</sup> Transcrição do texto da Figura 04 - Ferramenta de uso para macho – Carol Machado, 2017:

Talvez eu.../Talvez eu suma ou talvez eu suba/Talvez eu desapareça/Talvez eu esqueça/Talvez eu cante ou dance/Talvez eu nem sonhe/Talvez eu não cresça/Talvez eu amadureça/Talvez eu lute e não pense/Talvez eu pense e já enlouqueça/Talvez eu só observe/Talvez eu me abraçe/Talvez eu me mate/Talvez eu me perdoe/Talvez eu me a(r)me/Talvez eu faça arte como resistência/Talvez eu fuja/Talvez eu enfrente/Talvez eu não me escondo/Talvez eu não me abandono/Talvez eu me aceito/Talvez eu me cuido/Talvez eu no futuro

idades vizinhas e algumas cidades do Rio Grande do Sul. O formato da folha de jornal ressalta o silêncio dessas denúncias que tem pouca visibilidade nas TVs, jornais e rádios, assim essas folhas de jornais expõem vários fatos que ocorrem diariamente dentro das cidades/estado com mulheres/meninas.

As notícias foram encontradas com dificuldade na internet, não havendo muitos registros referente ao mesmo caso. Algumas partes dos textos das denúncias foram sublinhadas com marcador de texto para dar maior ênfase à alguns fatos, como por exemplo: pai que estuprou e levou sua filha para um motel em Criciúma; criança de dois anos que era alvo recorrente de abuso sexual por alguns dos seus familiares em Criciúma, entre outros casos semelhantes.

No período de ditadura militar no Brasil, há registros de casos em que mulheres tiveram seus corpos violentados com abusos sexuais e com eletrochoques, entre outras torturas cruéis, como de se esperar, não há grande divulgação desses fatos desumanos que ocorreram nos tempos sombrios da intervenção militar no Brasil, muitas pessoas até negam estes acontecidos ou sugerem que “elas mereceram”, mais uma vez, um exemplo de uma sociedade patriarcal.

No entanto, esses relatos da ditadura militar são para dar visibilidade aos casos ocorridos com as mulheres/meninas na atualidade, remetendo à uma comparação de épocas, em que o autoritarismo do estado interfere na liberdade dos corpos femininos, e as torturas físicas e psicológicas nunca deixaram de existir. As folhas de jornais foram pregadas em uma corda e amarrada de ponta a ponta reproduzindo um varal de roupas, remetendo a um dos estereótipos instalados pela sociedade em que a mulher tem que ser dona de casa e cuidar dos afazeres da família e do lar.

A instalação intitulada *Censura e Tortura, ainda há ditadura* (2017), já participou da exposição RESISTENCIAL (2017), realizada na Casa Arte Ana Frida Antiques, em Criciúma (SC), a intervenção provocou muita inquietação nas pessoas presentes, gerando perguntas como: “sério que isso foi aqui em Criciúma?”. Muitas meninas relataram que se sentiram tocadas por um sentimento de revolta e tristeza diante das notícias.

Figura 05 - Censura e Tortura, ainda há ditadura – Carol Machado, 2017



Fonte: Acervo pessoal

Figura 06 - Censura e Tortura, ainda há ditadura – Carol Machado, 2017

### **Pai estupra própria filha em Criciúma**

24/12/2015 08:00  
Giorgio Guedin

Um grave crime hediondo foi registrado na madrugada de quarta-feira (23) em um motel no Bairro Vila Floresta II, em Criciúma. O pai, de 35 anos, cometeu estupro contra a própria filha, uma jovem de 14 anos. Em depoimento à Polícia Civil, a garota avisou que saiu com o pai na última terça-feira, 22, normalmente para visitar parentes, já que ele estava de férias. Ela informou à polícia que o pai é usuário de drogas, mas que nunca havia tido conflito com a família. Antes de levá-la ao motel, possivelmente sob efeito de drogas, o homem teria passado em uma boca de fumo para comprar crack.

Dentro do estabelecimento, foi praticado o crime. Após o ato, a garota conseguiu pedir ajuda. Pela janela do quarto, a adolescente avisou uma funcionária do estabelecimento, e conseguiu fugir. Com o táxi, ela foi até a Delegacia de Proteção à Criança,

Adolescente, Mulher e Idoso (DPCAMI), no Bairro Comerciário. Ao plantonista, a garota relatou os fatos e, tendo em vista que o homem poderia estar ainda dentro do motel, foi solicitado que à Polícia Militar fosse até o local. No estabelecimento, o homem estava dormindo quando foi abordado pelos militares, que realizaram a prisão e o encaminharam à DPCAMI para lavrar o flagrante.

A garota foi conduzida ao Instituto Médico Legal (IML) para a realização do exame de corpo de delito, que confirmou o abuso sexual. Ela passará por acompanhamento psicológico. O pai da garota, em depoimento, preferiu ficar em silêncio. Ele foi conduzido ao Presídio Santa Augusta, em Criciúma, por volta das 12 horas e está em uma galeria onde se encontram apenados que tenham cometido crimes sexuais. Se condenado, ele pode pegar, pelo crime de estupro, de 8 a 12 anos de reclusão. O casal estava junto há 16 anos e eles tinham apenas uma filha e, conforme depoimentos, viviam em harmonia.

Fonte: Acervo pessoal

Figura 07 - Censura e Tortura, ainda há ditadura – Carol Machado, 2017

Eram mais ou menos 2 horas da manhã quando chegaram à fazenda dos meus sogros em Nova Aurora. A cidade era pequena e foi tomada pelo Exército. Mobilizaram cerca de setecentos homens para a operação. Eu, meu companheiro e os pais dele fomos torturados a noite toda ali, um na frente do outro. Era muito choque elétrico. Fomos literalmente saqueados. Levaram tudo o que tínhamos: as economias do meu sogro, a roupa de cama e até o meu enxoval. No dia seguinte, fomos transferidos para o Batalhão de Fronteira de Foz do Iguaçu, onde eu e meu companheiro fomos torturados pelo capitão Júlio Cerdá Mendes e pelo tenente Mário Expedito Ostrowski. Foi pau de arara, choques elétricos, jogo de empurrar e, no meu caso, ameaças de estupro. Dias depois, chegaram dois caras do Dops do Rio, que exibiam um emblema do Esquadrão da Morte na roupa, para ‘ajudar’ no interrogatório. Eu fi cava horas numa sala, entre perguntas e tortura física. Dia e noite. Eu estava grávida de dois meses, e eles estavam sabendo. No quinto dia, depois de muito choque, pau de arara, ameaça de estupro e insultos, eu abortei. Depois disso, me colocaram num quarto fechado, fiquei incomunicável. Durante os dias em que fiquei muito mal, fui cuidada e medicada por uma senhora chamada Olga. Quando comecei a melhorar, voltaram a me torturar. Nesse período todo, eu fui insultadíssima, a agressão moral era permanente. Durante a noite, era um pânico quando eles vinham anunciar que era hora da tortura. Quando você começava a se recompor, eles iniciavam a tortura de novo, principalmente depois que chegaram os caras do Dops. Durante anos, eu tive insônia, acordava durante a noite transpirando. De Foz, fomos levados para o Dops de Porto Alegre, onde houve outras sessões de tortura, um na frente do outro. Depois, fomos levados de volta para Curitiba, onde fiquei na penitenciária de Piraquara. Quando finalmente fui para a prisão domiciliar, que durou quatro meses, eu sofri muito, fui muito perseguida e ameaçada. Recebia telefonemas anônimos, passava noites sem dormir.

**IZABEL FÁVERO**, ex-militante da VAR-Palmares, era professora quando foi presa em 5 de maio de 1970, em Nova Aurora (PR). Hoje, vive no Recife (PE), onde é

**professora de Administração da Faculdade Santa Catarina.**

Teve uma tortura que aconteceu na véspera do Sete de Setembro. Sei que foi esse dia porque a gente escutava o ensaio das bandas. Me levaram para uma sala com acústica de madeira. Tocava uma música de enlouquecer. Era um som como se estivessem arranhando a parede. A música foi aumentando cada vez mais. Quando eu saí de lá, minha cabeça estava latejando. Por pouco eu não enlouqueci. Lá no DOI-Codi, todo dia eu ia para o interrogatório, e as torturas eram de todas as formas, como na cadeira do dragão, e sempre nua. E eles ameaçavam as pessoas que a gente conhecia. Um dia me chamaram e eu vi o Paulo [Stuart Wright] encapuzado. Reconheci-o pelo terno que ele estava usando, que fui eu quem tinha dado para ele, e também pela voz. Os torturadores falavam muito das presas, ridicularizavam, gritando para você ouvir. Eram coisas libidinosas, como do tamanho da vagina de uma pessoa que eu conhecia. Uma vez, eles me chamaram para um interrogatório com um homem negro que diziam ser um psicólogo. Isso foi muito tocante para mim, porque é claro que chamaram um homem negro para eu me sentir identificada. Um dia, eles me chamaram no pátio e lá estava o satanás encarnado, o capitão Ubirajara [codinome do delegado de polícia Laerte Aparecido Calandra], apoiado num carro, e um outro ao lado dele em pé, e um bando de homens do outro lado. Ele me pôs para marchar na frente dele, para lá e para cá, para lá e para cá durante um bom tempo. E os homens falando: ‘Ô negra feia. Isso aí devia estar é no fogão. Negra horrorosa, com esse barrigão. Isso aí não serve nem para cozinhar. Isso aí não precisava nem comer com essa banhona, negra horrorosa’. E eu tendo de marchar. Imagine só, rebaixar o ser humano a esse ponto...

**MARIA DIVA DE FARIA** era enfermeira quando foi presa em 5 de setembro de 1973, em São Paulo (SP). Hoje, vive na mesma cidade e é aposentada.

Fonte: Acervo pessoal

No ano de 2018, eu e mais algumas mulheres artistas acadêmicas do Curso de Artes Visuais da UNESC, formamos um coletivo e propomos um projeto à Convocatória de Ocupação da Sala Edi Balod 2018, esta proposta foi intitulada *Arte Feminista: Circuito de Oficinas*. Assim, uma vez por mês era realizada uma oficina

artística ministrada por alguma das integrantes do grupo. Eu e a minha colega Júlia Alvarez, ministramos a oficina *Pintura Corporal: Pintura no Corpo Feminino como Tela*, que abordava questões sobre a diversidade de corpos, as marcas internas e externas que cada corpo feminino carrega. Iniciamos a atividade com uma roda de conversa entre as mulheres participantes, debatemos sobre o corpo feminino dentro da sociedade e as vivências que cada uma teve/tem no seu cotidiano, em seguida, apresentei os meus trabalhos através de imagens em datashow, imagens de desenhos de mandalas em corpos femininos, corpos muitas vezes despido, e em diferentes lugares. Esse corpo feminino que carrega muitas lutas e não deve ser alvo de objetificação.

Figura 08 - Corpo Feminino como Tela - Carol Machado, 2017



Fonte: Acervo pessoal

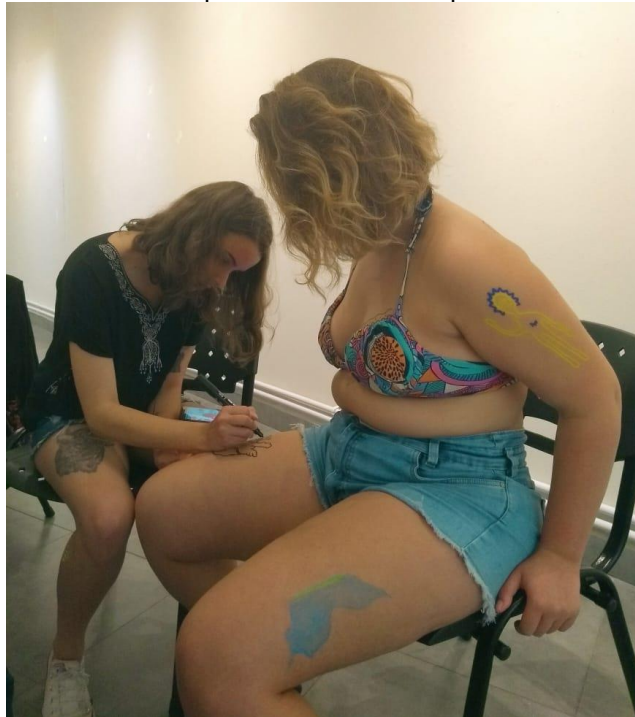
Figura 09 - Corpo Feminino como Tela – Carol Machado, 2019



Fonte: Acervo pessoal

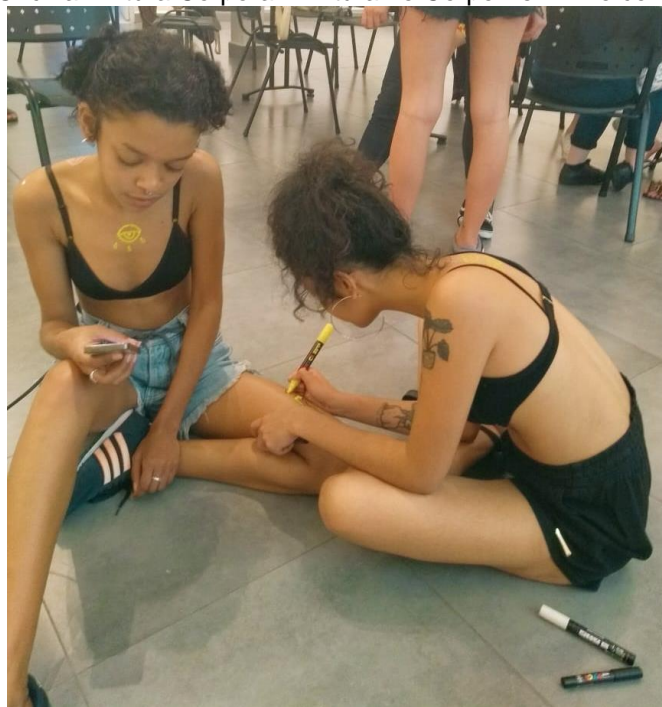
Como prática da oficina, foram disponibilizadas algumas canetas para as participantes produzir desenhos/escritas que remetessem a sua identidade no corpo de outra mulher, como uma tela, mas tendo contato com esse corpo desconhecido de outra pessoa e que ao mesmo tempo torna tão íntimo e natural. Alguns corpos tiveram registros de questões sociais, símbolos de vulvas, escritas de lutas por mulheres negras e desenhos livres que diziam sobre a personalidade de cada uma. Ao mesmo tempo em que cada mulher deixava sua marca na outra, todas estavam conectadas pela motivação de resistência desse corpo feminino dentro do meio social. O retorno das envolvidas no projeto foi incrível, elas destacaram a importância de ter encontros que enfatizam o lugar da mulher artista e a troca de vivências do corpo feminino na sociedade contemporânea.

Figura 10 - Oficina Pintura Corporal: Pintura no Corpo Feminino como Tela, 2018



Fonte: Acervo pessoal

Figura 11 - Oficina Pintura Corporal: Pintura no Corpo Feminino como Tela, 2018



Fonte: Acervo pessoal



Figura 12 - Oficina Pintura Corporal: Pintura no Corpo Feminino como Tela, 2018



Fonte: Acervo pessoal

Tenho desenvolvido também intervenções pela cidade de Araranguá (SC), com adesivos de sinalização comprados e modificados por mim. Em uma dessas intervenções, usei um adesivo que indicava “Você está sendo vigiado” e interfeiri transformando a palavra vigiado em vigiada, no feminino. Outro adesivo de sinalização era com a palavra “mulher”, em que alterei para a frase “aqui foi assediada uma mulher”. A intervenção apresenta a relação da cidade com o corpo feminino, os adesivos comunicam que todos os lugares e situações do cotidiano são espaços possíveis para assédio e violência contra mulheres/meninas, o corpo feminino sempre sendo alvo de agressões verbais e físicas.

Essas intervenções com adesivos, foram selecionadas no Edital da 11ª Bienal da UNE (União Nacional dos Estudantes), um movimento que discutia sobre a atual realidade do Brasil e reunia a maior mostra estudantil de arte e cultura da América Latina, que ocorreu durante os dias 6, 7, 8, 9 e 10 de fevereiro de 2019, na UFBA em Salvador (BA). Essa Bienal buscava dar visibilidade para trabalhos de secundaristas, universitários e pós-graduandos, com mesa de debates sobre a cultura e política, apresentações de trabalhos científicos e com exposições/apresentações de artistas referente a linguagem do teatro, música, literatura, artes visuais e dança, com objetivo de ampliar o acesso e conhecer mais sobre as diversas realidades de cada estado do país.

A exposição *Mostra de Artes Visuais* ocorreu na entrada da Biblioteca, no bloco Praça das Artes – Campos Ondina – UFBA, havendo 34 artistas com produções em fotografias, esculturas, quadros, ilustrações, instalações e *performances*; também foi realizada uma mostra e debates com o artista brasileiro

Paulo Bruscky. A intervenção com os adesivos ocorreu dentro da galeria e pelo campus.

Figura 13 - Sem Título – Carol Machado, 2018



Fonte: Acervo pessoal

Figura 14 - Sem Título – Carol Machado, 2018



Fonte: Acervo pessoal

O atual contexto social e político do país, me levou a elaborar um trabalho que refletisse sobre o crescente conservadorismo. Aproprio-me de latas em conserva, que remetem conter algo dentro e confinado, uma relação direta ao momento atual no Brasil, que conserva estereótipos e preconceitos contra as

mulheres; em especial, depois da eleição de um Presidente que ridiculariza e violenta (verbalmente) as mulheres, é contrário à legalização do aborto e assim não respeitando o direito do próprio corpo feminino, fomenta a desigualdade entre homens e mulheres, evidencia padrões de beleza, entre outros discursos de ódio.

A série chamada *Conservadorismo* (2019) é composta por quatro latas de conserva que carregam nos rótulos as inscrições dos seguintes conteúdos: Femicídio; Dona de Casa; Patriarcado; Desigualdade entre gênero. Estes rótulos representam fatos que permanecem diariamente instalados no Brasil: com inúmeros casos de feminicídio sem a preocupação de justiça perante os agressores; dentro do ambiente social é enfatizado que “mulher de verdade” tem que ser uma boa dona de casa; o patriarcado social se aplica em não respeitar os direitos das mulheres e implantar ordens sobre o comportamento feminino; não apenas no trabalho há desigualdade entre gênero, em que mulheres tem seu salário menor do que dos homens, mas também no lar, onde geralmente as mulheres ficam encarregadas da grande maioria das tarefas, e nos registros da história da humanidade, em que lutas de homens são exaltadas, ao contrário dos feitos das mulheres. O trabalho fez parte da exposição coletiva *Novas Rotas*, desenvolvido durante o projeto Arte na Cidade, do SESC - Araranguá (SC), com a participação de outros(as) dez artistas.

Figura 15 - Conservadorismo – Carol Machado, 2019



Fonte: Acervo pessoal

Figura 16 - Conservadorismo – Carol Machado, 2019



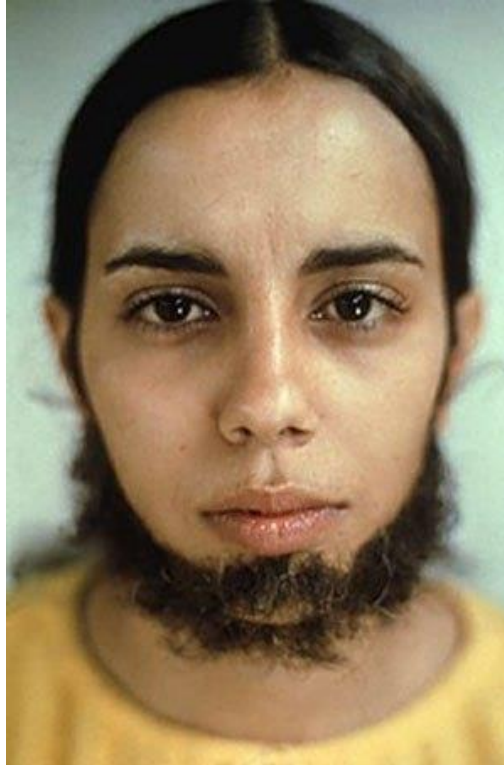
Fonte: Acervo pessoal

Além das minhas produções artísticas, outras vivências da formação docente corroboraram com a necessidade de debater no contexto da sala de aula as questões ligadas à (in)visibilidade das mulheres artistas. Durante a experiência com os estágios da graduação, notei que as professoras apenas apresentavam artistas homens. Quando realizei a disciplina de Estágio II, atuando com a turma do 9º ano, levei como tema Arte Feminina englobando produções apenas de mulheres artistas. Iniciei a primeira aula perguntando a eles(as) os nomes de artistas que conheciam, apenas duas mulheres apareceram entre os 15 artistas mencionados: **Frida Kahlo** e **Tarsila do Amaral**. Em seguida, questionei a turma: “Por que não foram citadas mais artistas mulheres?”. Um menino respondeu: “Machismo”.

Apresentei as produções de algumas artistas, em formato de imagens impressas, cada aluno(a) pegou uma produção e nos sentamos em círculo, e como proposta, eles falaram o que as imagens representavam, o que estavam visualizando e sentindo. Obras como de **Guerrilla Girls**, **Ana Mendieta**, **Barbara Kruger**, **Tracey Emin** e entre outras artistas, despertaram na turma questões sobre a imagem e atuação da mulher dentro da sociedade.

Por exemplo, na produção *Facial Hair Transplants* (1972) de **Ana Mendieta**, um menino falou que para ele passava a sensação dela estar querendo se inserir na sociedade, e para isso, ela precisava ser homem.

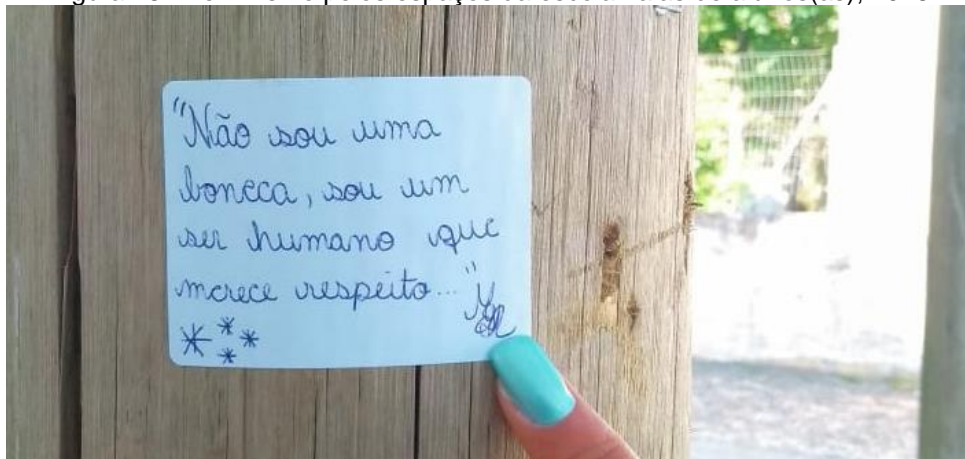
Figura 17 - Facial Hair Transplants - Ana Mendieta, 1972



Fonte: <https://culturavisualqueer.wordpress.com/2010/06/07/ana-mendieta/>

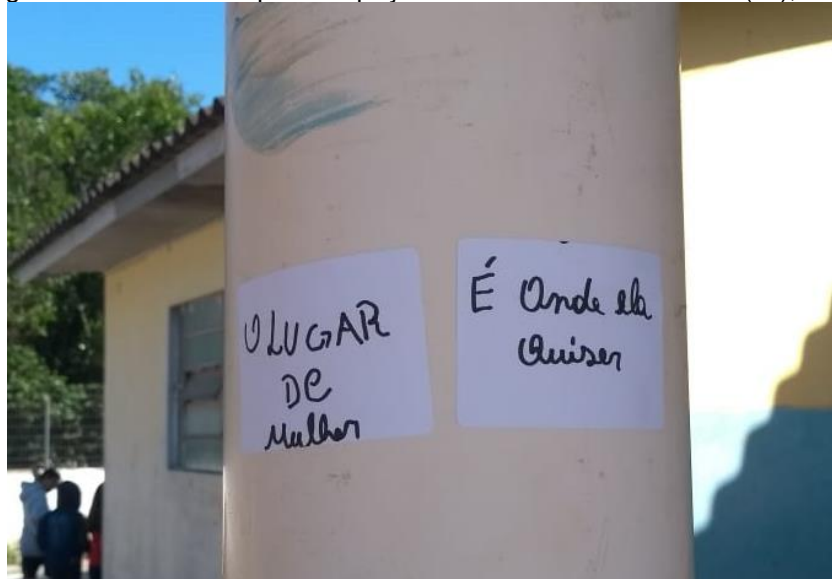
Por fim, realizamos uma intervenção na escola com adesivos que continham textos dos(as) alunos(as), contendo relatos de mães e das próprias alunas sobre a experiência de ser mulher dentro da sociedade.

Figura 18 - Feminismo pelos espaços da escola: falas de alunos(as), 2018



Fonte: Acervo pessoal

Figura 19 - Feminismo pelos espaços da escola: falas de alunos(as), 2018



Fonte: Acervo pessoal

As alunas se sentiram dentro do seu espaço de fala e representadas, já os meninos, se mostraram engajados, a favor de uma mudança social, todos(as) acharam muito importante conhecer diversas artistas mulheres e debater todas essas questões.

O sistema da arte vem discriminando as artistas que são classificadas como mulheres, fazendo com que se tornem invisíveis. Com um repertório que questiona esse essencialismo, as obras produzidas por artistas mulheres representam outros corpos e outras sexualidades, e refletem as preocupações de identidade e diferença [...] Suas intervenções possibilitaram a visualização de uma estética que questiona valores patriarcais [...] (GIUNTA, FARJADO-HILL, 2018, p. 29 - 30)

Pensando no ambiente escolar, anseio saber como as artistas mulheres estão sendo apresentadas nos livros didáticos. Como são abordadas suas produções? As produções exibidas estão relacionadas com o ativismo feminista? Há alguma discussão no livro sobre o lugar da mulher artista dentro do sistema da arte? Quem escreve esses livros didáticos?

### 3 MULHER ARTISTA NO LIVRO DIDÁTICO

Por que adotar o livro didático como objeto desta investigação? O livro didático reflete como está sendo conduzida a maioria das aulas de Artes no Estado de Santa Catarina, o que está sendo discutido sobre arte e sobre os(as) artistas. A pesquisa se concentra no livro didático do Ensino Médio, pois tem uma possibilidade maior de debater sobre artistas mulheres feministas, sem adotar um discurso lúdico. O livro é da rede pública, assim possibilita ter um contato com o que está sendo trabalhado nas aulas de Artes da grande maioria das escolas do Estado, em que há diversas realidades sociais entre os(as) alunos(as).

O livro do Ensino Médio estadual intitulado “*Arte por toda parte*” é um dos dois livros indicados à escolha do(a) professor(a) para utilizar em suas aulas, contém 432 páginas e sua autoria é de **Daniela Libâneo**<sup>4</sup>, Fábio Sardo<sup>5</sup>, Pascoal Ferrari<sup>6</sup> e **Solange Utuari**<sup>7</sup>.

Através do edital Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), os livros didáticos passam pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT), em seguida pela Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC). Com a participação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) oferecido pelo FNDE, ele compra o livro didático e distribui nas escolas, o livro é usado em três anos, assim o livro *Arte por toda parte* aprovado em 2016, para usar no triênio 2017, 2018 e 2019.

---

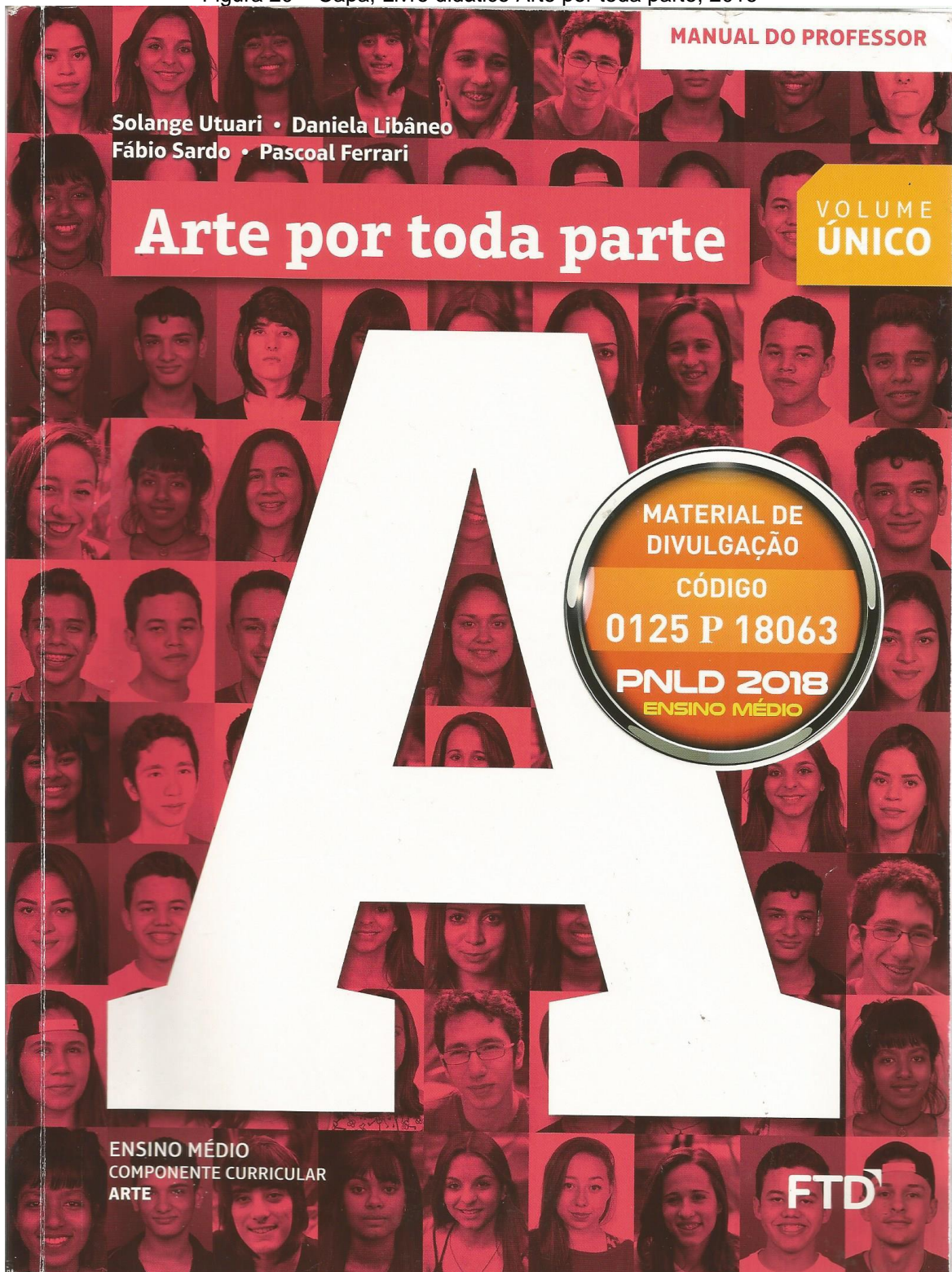
<sup>4</sup> Mestre em Artes, bailarina.

<sup>5</sup> Mestre em Artes, violinista e instrumentista.

<sup>6</sup> Mestre em Ensino de Ciências, ator e diretor de teatro.

<sup>7</sup> Mestre em Artes, artista plástica e ilustradora.

Figura 20 – Capa, Livro didático Arte por toda parte, 2016



Fonte: <UTUARI, Solange et al. **Arte por toda parte: Ensino médio componente curricular Arte. 2.** ed. São Paulo: Ftd S.a., 2016. 432 p.>

A análise sobre o livro se deu de forma aprofundada, examinando em todas as páginas como eram apresentadas as artistas mulheres e suas produções, se



havia a presença de artistas mulheres feministas e quantos homens e mulheres artistas apareciam.

Aproximadamente 145 homens artistas foram apresentados e uma média de 26 mulheres artistas aparecem neste livro didático, considerando todas as linguagens artísticas.

O livro usa as produções de tais artistas para conectar os próximos capítulos, geralmente era um homem artista que tinha suas produções expostas nessas páginas, relacionando com outros assuntos. Por exemplo, Rudolf Laban (1879 – 1958), *“importante bailarino, coreógrafo e pesquisador da dança”* é apresentado em vários capítulos (UTUARI, Solange et al., 2016, p. 129).

Em paralelo, a visibilidade das mulheres artistas se encontra em desvantagem aos homens artistas expostos no livro didático, das poucas artistas que foram apresentadas, apenas algumas possuíam suas produções mencionadas em mais de uma página.

A grande parte do debate relacionado as produções de mulheres artistas não apresentam questões centrais proposta pela artista, em especial ao que se refere ao movimento feminista, tema evidenciado em muitas produções e não citado. Não há uma abordagem sobre a trajetória de vida dessas artistas, que aparecem impregnadas em suas produções, muitas usam suas lutas e experiências pessoais como um instrumento poético. Havia mulheres artistas que tinham seus trabalhos citados em um breve parágrafo, outras não apresentavam descrição alguma, e grande parte das artistas tinham apenas uma produção mostrada.

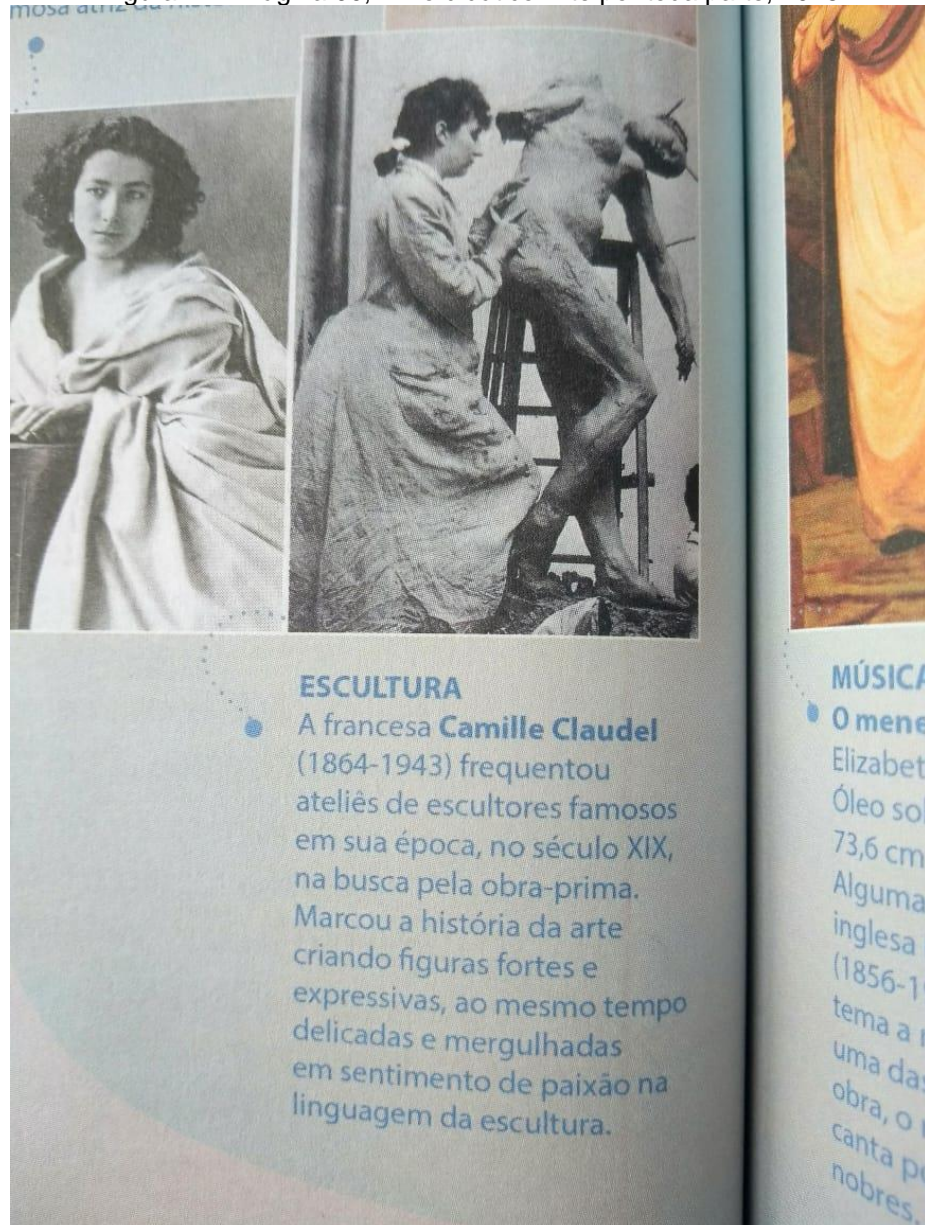
As artistas mencionadas no livro foram: **Regina Silveira; Pina Baush; Scheila Hicks; Lygia Clark; Anita Malfatti; Rosana Paulino; Adriana Varejão; Cecília Paredes; Fernanda Manéa; Tarsila do Amaral; Kate Elizabeth Bunce; Regina Advento; Orlan; Ana Mendieta; Camille Claudel; Marina Abramovic; Martha Graham; Teresa Cristina; Isabel Mendes da Cunha; Lucia Koch; Edith Derdyk; Maria Gadú; Clarice Lispector; Brígida Baltar; Ana Teixeira; Freira Rosvita.** Mapeando as artistas mulheres apresentadas no livro, podemos destacar alguns casos para análise e reflexão.

Na página 90, a vida e trabalhos da artista **Camille Claudel** é mencionada sem afinco. Seria interessante constar no livro didático, mesmo que superficialmente, que tal artista, segundo descreve **Calil** (2018, p. 13 - 14), teve sua

carreira interrompida por sofrer um relacionamento abusivo com o artista Rodin, que **Camille** alegava ter roubado algumas de suas produções.

**Camille** acabou sozinha e sem reconhecimento em um hospital psiquiátrico, abandonada por Rodin, por sua família e seu irmão, o artista Paul Claudel. Suas obras só foram reconhecidas anos depois da sua morte.

Figura 21 – Página 90, Livro didático Arte por toda parte, 2016



Fonte: UTUARI, Solange et al. **Arte por toda parte: Ensino médio componente curricular Arte**. 2. ed. São Paulo: Ftd S.a., 2016. 432 p.

A artista **Marina Abramovic** aparece na página 91 com a *performance A artista está presente*, de 2010, de forma muito breve sem abordar o contexto histórico da artista e outras produções.

Figura 22 – Página 91, Livro didático Arte por toda parte, 2016



Fonte: UTUARI, Solange et al. **Arte por toda parte**: Ensino médio componente curricular Arte. 2. ed. São Paulo: Ftd S.a., 2016. 432 p.

Entre tantos trabalhos, a *performance Casa com vista para o mar* (2002), simula uma casa dentro de uma galeria em Nova York, onde a artista passou doze dias sem comer, tomando banho, deitada, entre outras ações cotidianas. O público tinha contato com a vida íntima da artista, mas ambos estavam separados pelas escadas de facas. É possível refletir que os degraus de facas na escada é que dá limite para o público não ter um contato físico com a artista, isso leva ao questionamento de uma certa proteção que devemos ter dentro da sociedade para se proteger dos próprios semelhantes, uma sociedade no qual se tem a violência como base.

Figura 23 - Casa com vista para o mar - Marina Abramovic, 2002



Fonte: [https://www.bundeskunsthalle.de/fileadmin/\\_processed\\_/csm\\_abramovic\\_1002\\_2bdc9d964e.jpg](https://www.bundeskunsthalle.de/fileadmin/_processed_/csm_abramovic_1002_2bdc9d964e.jpg)

A artista brasileira **Rosana Paulino** está na página 123, onde apenas é apresentado o mural de ideias no seu ateliê, nada é abordado sobre sua vida e suas produções. A artista é uma das poucas artistas negras mencionadas, sua poética apresenta questões sobre ser mulher e negra, um tema de extrema relevância na atualidade e que poderia servir de pretexto para potentes debates em sala de aula.

Figura 24 – Página 123, Livro didático Arte por toda parte, 2016

**Projeto experimental**

## Espaços para criar

Professor, veja sugestões para esta atividade no **Diálogo com o professor**.

### 1. Criando em um ateliê

“ Por necessidade, o artista é impelido a agir.  
Uma ação como tendência, certamente, complexa que se concretiza por meio de uma operação poética registrada nos documentos do processo.”

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 3. ed. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2007. p. 27.

O ateliê, um lugar cheio de objetos, pincéis, telas espalhadas, papéis com anotações, livros, um mural com ideias, prepara futuros trabalhos. Como você imagina um lugar em que os artistas criam suas obras? Como você e os colegas podem organizar um lugar para a criação artística?

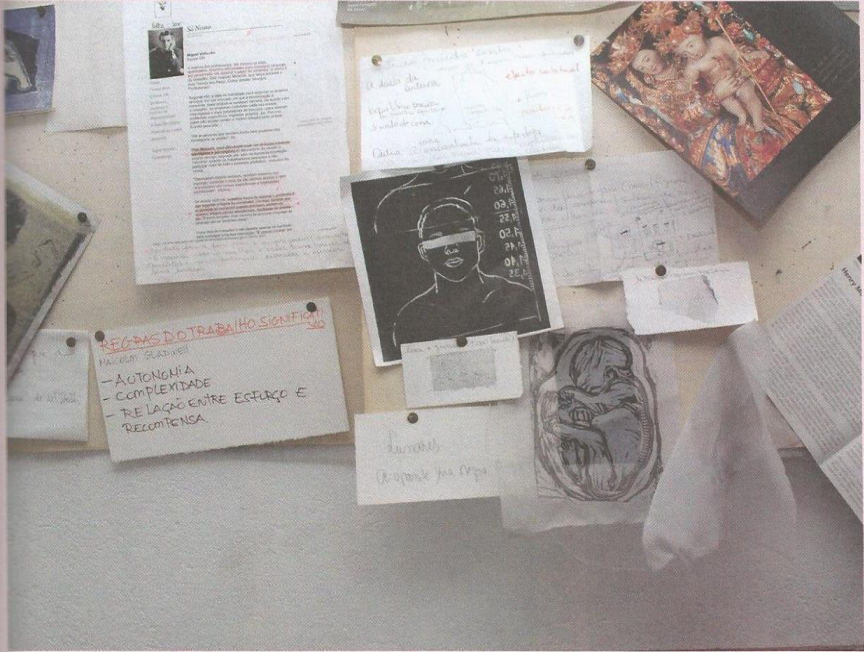


Imagem do mural de ideias e estudos no ateliê de Rosana Paulino. Foto de 2012.

No ateliê da artista contemporânea brasileira Rosana Paulino (São Paulo, 1967-), vemos um mural de ideias. Um painel feito com madeira, coberto de cortiça, em que a artista coloca imagens, trecho de textos, poemas, anotações, esboços, provas de gravuras e outras coisas que servem para compor seus trabalhos.

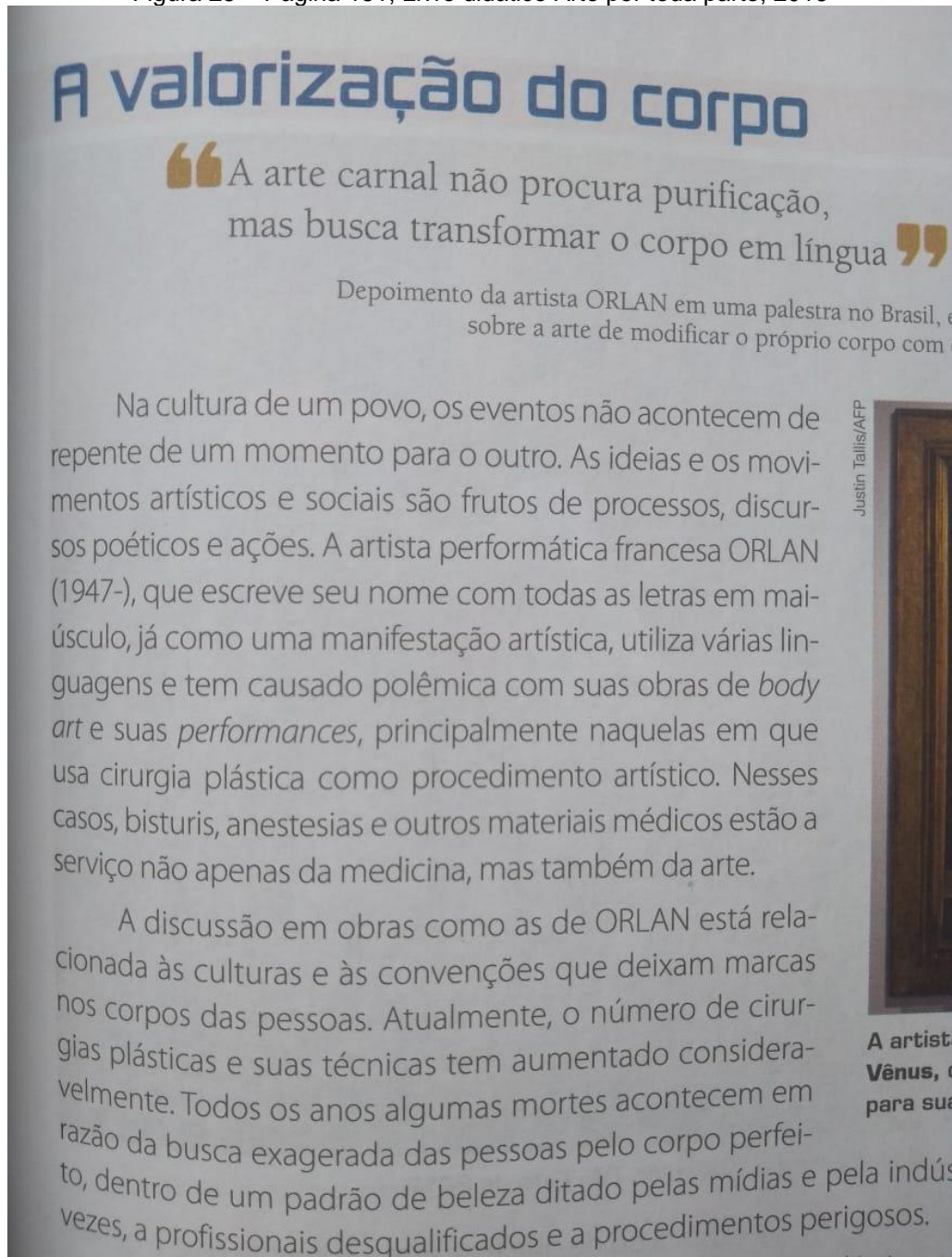
Capítulo 3 • A criação 123

Fonte: UTUARI, Solange et al. **Arte por toda parte: Ensino médio componente curricular Arte**. 2. ed. São Paulo: Ftd S.a., 2016. 432 p.

O capítulo intitulado *A valorização do corpo*, na página 151, levanta questões sobre os padrões de beleza impostos pela sociedade, apresentando a artista **ORLAN**, em seus trabalhos de *body art* e *performances*. A artista traz um tema

muito recorrente nos tempos atuais, que não podemos deixar de lado, em especial no contexto escolar. Os estereótipos de beleza feminina criados pela sociedade e propagados pelas mídias sociais, tem colaborado com problemas de aceitação entre os jovens.

Figura 25 – Página 151, Livro didático Arte por toda parte, 2016



Fonte: UTUARI, Solange et al. **Arte por toda parte**: Ensino médio componente curricular Arte. 2. ed. São Paulo: Ftd S.a., 2016. 432 p.

**Ana Mendieta** aparece rapidamente na página 159, onde cita um dos seus trabalhos, *A árvore da vida*, de 1976, instigando o(a) leitor(a) a pensar o corpo como suporte para a arte. A artista em seus trabalhos evidencia a violência física contra a mulher e reflete suas próprias experiências de vida, e isso também não é apontado.

Figura 26 – Página 159, Livro didático Arte por toda parte, 2016

**Projeto experimental**

## Arte corporal

### Meu corpo é suporte para minha arte

Vimos que o corpo pode ser usado como suporte em pinturas, *performances* e outras linguagens artísticas ligadas à *body art*. A artista cubana naturalizada estadunidense Ana Mendieta (1948-1985) explorou seu próprio corpo como materialidade. Na obra *A árvore da vida* (1976), ela cobriu o corpo com barro e materiais retirados da vegetação do lugar, integrando seu corpo ao meio ambiente. Essa linguagem artística também pode ser considerada uma *land art*. Observe a particularidade dessa arte na imagem ao lado.

Há pintores que usam o corpo como se fosse uma tela. Outros artistas usam o corpo para fazer *performances* e até para fazer música.

Agora, que tal cada um escolher uma linguagem artística usando o corpo para criar uma obra? As razões podem ser as mais diversas. Pense! Que razões você teria para criar na linguagem da arte corporal? Que tipo de técnicas e materiais você gostaria de usar? Pode ser uma proposta individual ou em grupo.

Veja algumas sugestões:



Ana Mendieta, 1976. Fotografia colorida. © The Estate of Ana Mendieta Collection - Courtesy Galerie Leleang, New York

**Tree of Life (A árvore da vida)**, de Ana Mendieta, 1976. Fotografia colorida, 50,8 cm × 33,7 cm. Nesta *performance*, a artista usa o corpo, barro e vegetais do meio ambiente como materiais para criar a sua arte.

Fonte: UTUARI, Solange et al. **Arte por toda parte: Ensino médio componente curricular Arte**. 2. ed. São Paulo: Ftd S.a., 2016. 432 p.

A falta de espaços para discutir realmente sobre os trabalhos de artistas mulheres ligadas ao ativismo feminista é preocupante, muitas artistas apresentadas denunciam várias questões relacionadas a mulher dentro de uma sociedade patriarcal. Há tantas artistas mulheres contemporâneas artistas que poderiam ser citadas nos livros didáticos, que expõem suas lutas enquanto mulher e artista, questionando a invisibilidade da mulher artista dentro do campo da arte. No livro didático é apresentado um pequeno trecho de cinco linhas informando a dificuldade de ser uma mulher artista nos tempos anteriores. "A pintura no tempo da crença nas

nove musas não era considerada arte nobre, assim como uma mulher também não podia ser artista, valores que foram mudando ao longo dos tempos." (UTUARI, Solange et al., 2016, p. 84)

É necessário debater sobre a mulher artista e a poética de suas produções dentro do campo da arte em tempos passados, pois estimula a conhecer mulheres artistas invisíveis de tais épocas e questionar o lugar da mulher artista atualmente. Conseqüentemente é indagar como era/é o tratamento com as mulheres, se haviam direitos para elas, e o porquê é importante fomentar esses questionamentos. As lutas das mulheres artistas é uma luta social e política diária, essas artistas buscam por respeito e igualdade de gênero ainda nos dias de hoje.

Não porventura, há uma carência desse discurso consumada em materiais didáticos para as aulas de arte, entre pranchas com imagens e livros, em geral, disponibilizados ao professorado, que, em contrapartida, comumente evidenciam as obras de arte de artistas homens. Logo, muitas interrogações brotaram em torno do motivo de o "fenômeno da ausência" se perpetuar nas escolas, de as artistas estarem alijadas dos programas, dos livros e das publicações didáticas. A ausência/lacuna apontada não pode ser minimizada como uma simples coincidência ou um ato desprezioso, sem intenção, apolítico, ingênuo. Há uma tendenciosa e condicionada hegemonia em torno do discurso masculino que, contagiando por longo tempo vários campos de ação, faz-se presente ainda hoje, perpetuando-se sobre docentes e discentes. (COUTINHO, LOPONTE, 2015, p. 186)

Na página 73, me chamou atenção a situação em que o artista Nam June Paik é mencionado e recebe toda atenção por suas produções, mas alguns desses trabalhos tem a participação da artista violoncelista **Charlotte Moorman**, que é indicada brevemente.



Figura 27 – Página 73, Livro didático Arte por toda parte, 2016

**A arte de JUNE PAIK**

Trazida pelos aparelhos de televisão, uma nova linguagem de comunicação de massa inspirou gerações e ainda continua a exercer grande influência sobre as pessoas. Na década de 1960, o artista sul-coreano Nam June Paik (1932-2006) começou a explorar as possibilidades estéticas desse novo meio de comunicação usando a linguagem televisiva.

Nam June Paik foi um dos primeiros a lançar novas linguagens unindo vídeos, músicas e outras linguagens artísticas, criando a videoarte, que explora tanto imagens gravadas como as linguagens de instalações e de *performances*, a exemplo da obra *Arte Cibernata* (1967), em que a violoncelista Charlotte Moorman (1933-1991) faz uma *performance* na qual ele utilizou também o próprio aparelho de televisão. Dessa forma, as linguagens das artes visuais e da música em uma mesma obra são caminhos para a construção das linguagens híbridas e para a arte e a tecnologia.



O artista sul-coreano Nam June Paik e a violoncelista Charlotte Moorman. Ambos produziram uma série de trabalhos em que Paik construía instrumentos e aparelhos fantásticos para Charlotte Moorman tocar. Foto de 1982.

Fonte: UTUARI, Solange et al. **Arte por toda parte**: Ensino médio componente curricular Arte. 2. ed. São Paulo: Ftd S.a., 2016. 432 p.

Atuar desde a perspectiva da cultura visual feminista significa por lentes de aumento sobre as visualidades com a intenção de decifrar os significados de como as construções de gênero moldam nossa maneira de ver e perceber o mundo. Significa, também, examinar e identificar as circunstâncias que criam as diferenças, para refletir sobre os estereótipos que geram as discriminações e às formas como percebemos o outro. (ABREU, 2015 p. 2)

O filme *O sorriso de monalisa* (2004) é citado na página 33, de forma clara é abordado no contexto da experiência estética, propondo atividades com alunos(as) em aula, motivando-os a relatar suas experiências.

Figura 28 – Página 33, Livro didático Arte por toda parte, 2016

 **Giro de ideias: Experiência estética**



Filme de Mike Newell. O sorriso de monalisa. EUA, 2004.

O que é ter uma experiência estética?  
A experiência estética acontece quando nos sensibilizamos com algo.  
Você se lembra de uma situação em que viveu uma experiência estética com uma obra de arte? Pode ter sido ao assistir à cena de um filme, ao visualizar uma imagem, ao ouvir uma música.  
No filme *O sorriso de Monalisa*, há cenas em que é possível apreciar um encontro significativo com a arte, revelando-nos que experiências estéticas podem acontecer.  
Descreva no espaço a seguir uma experiência significativa que você vivenciou por meio de alguma linguagem artística. Se preferir, você também pode fazer um desenho, em uma folha à parte, que represente essa experiência. Compartilhe sua produção com seus colegas.

Filme *O sorriso de Monalisa*. Direção de Mike Newell. EUA: Columbia Pictures, 2004.

Fonte: UTUARI, Solange et al. **Arte por toda parte: Ensino médio componente curricular Arte**. 2. ed. São Paulo: Ftd S.a., 2016. 432 p.

Mas o filme apresenta um enredo mais crítico, ele denuncia uma época em que mulheres depois da escola deveriam se casar, esse era o objetivo e sonho do grupo de estudantes. Com a chegada de uma nova professora de Artes, além de apresentar a produção de artistas modernos e contemporâneos, o papel da mulher na sociedade passa a ser questionado, suas liberdades e desejos.

Por se tratar de uma produção feminina dialógica com seu tempo, coerente com a atualidade e de qualidade indiscutível, acredita-se ser desejável ao ensino, mesmo que existam contingências sobre sua inclusão, exigindo maior esforço e um outro compromisso docente. Sendo capaz de engendrar desconfortos e por em riscos as certezas convencionais através de obras visuais, devolve como vômito estético as experiências vividas no meio social, e não além dele. Nada mais, nada menos, do que aquilo que todo mundo, de alguma maneira, já sabe, vê, percebe, experimenta, é. (COUTINHO, 2009, p. 15)

A arte contemporânea está conectada com o meio social e político, como não dialogar sobre arte feminista nos livros didáticos e nas aulas de artes? A importância

de abordar sobre mulheres feministas no campo escolar é questionar a realidade de muitas alunas, professoras e mães de alunos(as), é alargar o campo do saber e discutir o contexto social que afeta essas mulheres/meninas. A sociedade patriarcal interfere na construção desse sujeito, e na forma como ele(a) irá reagir positivamente diante desse contexto social bombardeado pelo machismo.

"Sem dúvida essas formulações permitem que se inscrevam as pedagogias feministas na perspectiva das pedagogias emancipatórias, que pretendem a "conscientização", a "libertação", ou a "transformação" dos sujeitos e da sociedade." (LOURO, 2014, p. 118 – 119)

Exercer um ensino significativo, é olhar para o(a) aluno(a) e ligar sua realidade com o conteúdo que é apresentado dentro da sala de aula, conectando ele(a) de forma que o incentive a pensar sobre o seu meio social, político e suas atitudes que agregam de alguma forma para a construção de uma sociedade mais igualitária.

#### 4 MULHER ARTISTA RESISTE

Muitas produções de artistas contemporâneas abordam o feminismo, apresentando experiências de vida, retratando uma sociedade patriarcal que tem consequências que afetam diretamente as mulheres, uma arte que traz questões sociais e políticas em forma de gritos de socorro. No entanto, apesar de algumas artistas não se intitularem como feministas, seus trabalhos também conversam com o tal tema através de denúncia, resistência e luta.

Nosso feminismo não nasce em nós, foi herdado e transformado devido a um sistema de injustiças ao qual opomos a luta. Esse sistema se alicerça como razão patriarcal, e a utopia, a ideia de que um outro mundo – e melhor – é possível, atrapalha sua lógica. A utopia feminista fala de um outro mundo possível, em que ser mulher não significa ser o destinatário de todo o tipo de violência. Não devemos negligenciar que, no patriarcado, o destino das mulheres é a violência. (TIBURI, 2018, p. 32)

Contudo é importante apresentar algumas artistas que tiveram suas produções roubadas pelo seu companheiro/marido, ou que apenas são conhecidas por serem casadas com algum artista homem.

A burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina. No *Hebdo-Latin* um estudante declarava há dias: “Toda estudante que consegue uma posição de médico ou de advogado rouba-nos um lugar.” Esse rapaz não duvidava, um só instante, de seus próprios direitos sobre o mundo. (BEAUVOIR, 1980, p. 21)

Essa situação se aplica um dos motivos para tal invisibilidade da mulher artista dentro da arte, no qual não deixa de refletir um sistema social elevando o homem acima dos feitos da mulher, algo que se estende até nos dias atuais e reflete no ensino da arte, em que professores(as) continuam apresentando trabalhos de artistas homens que na verdade quem produziu foi uma mulher artista.

A autora **Beatriz Calil** em seu livro *Pequeno Guia de incríveis artistas mulheres que sempre foram consideradas menos importantes que seus maridos* (2018) aborda experiências de algumas artistas, como da artista **Françoise Gilot** (1921) que realizou diversas produções, mas que ficou conhecida por ser a musa de Picasso, no qual foi vítima de um relacionamento abusivo.

**Lee Miller** (1907) retratou a Segunda Guerra Mundial através de fotos e sendo assim a única mulher fotojornalista, realizou fotografias marcantes para história da humanidade. Mas **Miller** é retratada como “amante e musa de Man Ray” e não pelos seus grandes feitos.

Artista **Margaret Keane** (1927) pintou quadros no qual teve um grande alcance de reconhecimento, mas os quadros eram assinados por seu marido Walter Keane, que dizia ser o autor das produções. A artista vivia em um relacionamento extremamente abusivo.

**Linda Nochlin** no seu texto *Por que não houve grandes mulheres artistas* (2016), traz como reflexões os privilégios que tiveram os grandes homens artistas na história da arte, por serem homens e de família classe alta, ou ainda por terem pais e familiares pintores. A invisibilidade das mulheres artistas em exposições de arte e na história da arte aponta que não houve um olhar para a tais produções, esses espaços geralmente protagonizados por homens, não tinham interesse nos trabalhos femininos, e conseqüentemente, julgavam inferiores.

Estes são casos que não interessam aos historiadores da arte, estudar com mais detalhes, por exemplo, o papel protagonizado pelo pai de Picasso, professor de arte, na sua precocidade pictórica. E se Picasso tivesse nascido menina? Teria o senhor Ruiz prestado tamanha atenção ou estimulado a mesma ambição de sucesso na pequena Pablita? (NOCHLIN, 2016, p. 17 - 18)

Na história da humanidade, o homem sempre ocupou o lugar de fala para narrar fatos históricos como as guerras, a literatura, as artes, entre outros, não havendo uma abertura para o olhar das mulheres. Assim, na história da arte é necessário abrir espaços que dialoguem sobre a invisibilidade das mulheres artistas, sobre suas vidas e produções.

O lugar de fala está ligado à inclusão nos diversos espaços, buscar romper os muros que dividem um certo poder de autoridade e uma sociedade que silencia a voz feminina. Abrir lugar de fala para mulheres artistas é falar também sobre o feminismo que muitas das artistas trazem em suas produções, isso provoca incômodo no patriarcado. O movimento feminista não luta para ser superior aos homens, mas para ter direitos iguais, colocar fim na violência e nas desigualdades. Quantas artistas mulheres você conhece? Quantas artistas foram apresentadas na

escola para você? Mas, quantas vezes você viu trabalhos de artistas homens que retratam a mulher?

[...] não poder acessar certos espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até em relação a quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, 2019, p. 63 - 64)

O feminismo busca justamente ocupar esse lugar de fala por direito, ampliar o repertório sobre o lugar social e político, este movimento também está nas micropolíticas propostas por inúmeras mulheres artistas. As produções de artistas mulheres é um espaço que potencializa diversas vozes femininas abafadas pelo seu meio social e político, espelhando diversas realidades e encorajando ser uma luta de todas(os).

A artista argentina **María Luisa Bemberg** (1922 – 1995) se dedicou ao cinema, em que criava roteiros que dialogavam com as lutas combatidas diariamente pelas mulheres dentro de uma sociedade patriarcal, contudo, seus filmes dialogam com uma poética de libertação de estereótipos de beleza e comportamentos femininos instalados culturalmente. [...]Bemberg escreveu e dirigiu filmes como *Momentos* (1981), *La señora de nadie* (1982), *Camila* (1984), *Miss Mary* (1986), *Yo, la peor de todas* (1990), e *De eso no se habla* (1993) [...] (GIUNTA, FARJADO-HILL, 2018, p. 316)

Figura 29 - *El mundo de la mujer* - María Luisa Bemberg, 1972



Fonte: <https://hammer.ucla.edu/radical-women/art/art/el-mundo-de-la-mujer-womans-world/>

A produção *El mundo de la mujer* (1972) é um curta-metragem que reflete através de forma sarcástica a construção social da mulher voltada para agradar os homens e preocupada com sua beleza. Utilizando ao fundo uma música do conto de fadas *Cinderela*, levando a questionar se as vidas das mulheres são realmente um conto de fadas, e que tem como sujeito principal na sua vida a figura de um homem para ter dependência financeira.

[...] No caso de mulheres poderosas, perguntamos: ela tem humildade? Sorri? Mostra gratidão? Tem um lado doméstico? Perguntas que não fazemos a homens poderosos, o que demonstra que nosso desconforto não é com o poder em si, mas com a mulher. Julgamos as poderosas com mais rigor do que os poderosos. [...] (ADICHIE, 2018, p. 33)

**Josely Carvalho** (1942) nascida em São Paulo, realizou sua formação artística na Fundação Armando Álvares Penteado e bacharelado na Universidade de Washington. Suas produções visuais discutem o meio artístico, político e social referente a (não) ocupação da mulher nesses espaços. Ela organizou *Heresies: A Feminist Publication on Art and Politics* (Heresia: uma publicação feminista sobre arte e política).

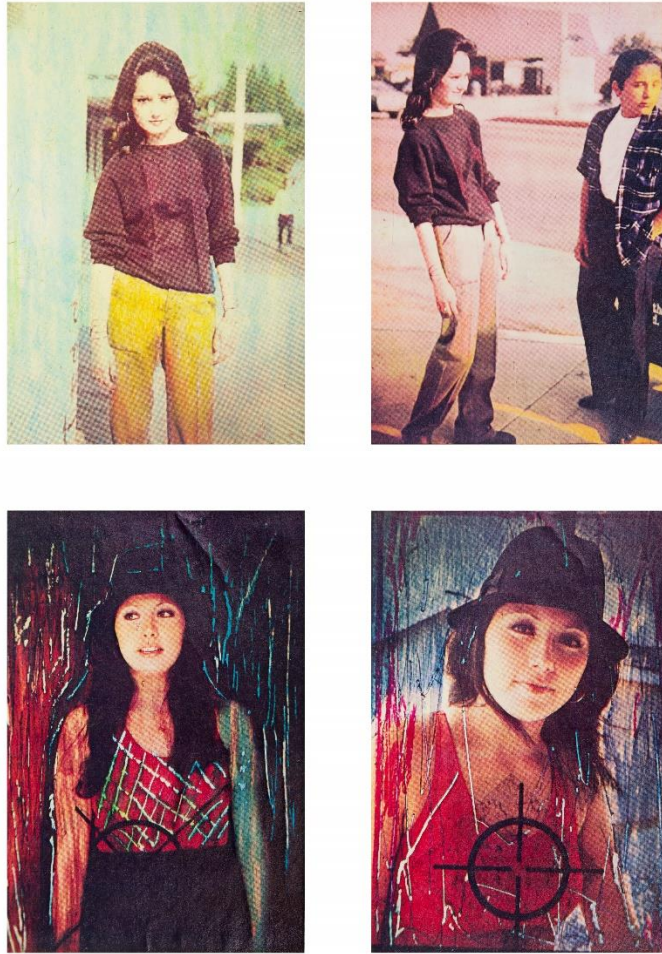
Figura 30 - *Waiting* - Josely Carvalho, 1982

Fonte: <https://artebrasileiros.com.br/wp-content/uploads/2018/08/WhatsApp-Image-2018-08-17-at-21.02.05-e1534550656710-696x467.jpeg>

Mais uma artista, **Isabel Castro** (1954) nasceu no México, ela é fotógrafa, educadora, jornalista e curadora. Suas produções carregam o feminismo enfatizando os direitos das mulheres. A produção *Women under Fire* (Mulheres sob fogo) (1980) denuncia as mulheres chicanas que foram esterelizadas a força, vítimas do Centro Médico da USC, em Los Angeles (1960/1970). As jovens fotografadas não são as vítimas, mas representam seus familiares que foram. A produção tem algumas rachaduras, enfatizando esse corpo violentado.



Figura 31 - *Women under Fire* - Isabel Castro, 1980



Fonte: <https://hammer.ucla.edu/radical-women/art/art/from-the-series-women-under-fire/>

Vivência e trabalho refletem na arte de **Liliane Dardot** (1946), nascida em Belo Horizonte. Estudou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal – MG e em seguida foi professora de desenho na Universidade. Ela enfrentou o período da ditadura militar no Brasil e assim seus trabalhos adéquam dizeres políticos e sociais, a artista também ressalta suas experiências enquanto mulher, dona de casa e mãe, alertando sobre tarefas domésticas atribuídas à figura feminina.

Figura 32 - O risco do bordado - Liliane Dardot, 1981



Fonte: Acervo pessoal

As lutas diárias são reflexo nas produções de **Ana Victoria Jiménez** (1941), nascida no México, é uma grande ativista feminista que retratava através de fotografias e documentários manifestações feministas no México. Suas produções participaram de vários filmes que contextualizavam a poética das lutas sociais e políticas carregadas por mulheres.

Jiménez forneceu fotografias para os filmes de Fernández *Cosas de mujeres* (1975 – 78), sobre as restrições do aborto, e *Rompiendo el silencio* (1979), sobre a questão do estupro. Ela realizou ainda o *Ensayo sobre trabajo doméstico* (1978), uma série fotográfica sobre a vida de empregadas domésticas. (GIUNTA, FARJADO-HILL, 2018, p. 335)

Figura 33 - *Cuaderno de tareas* - Ana Victoria Jiménez, 1978 - 1981



Fonte: <https://hammer.ucla.edu/radical-women/art/art/from-the-series-cuaderno-de-tareas-assignment-book/>

A brasileira **Letícia Parente** (1930-1991) potencializa seus trabalhos utilizando atividades caracterizadas tradicionalmente como femininas, como passar maquiagem, cuidar de roupas, costurar, entre outras. Na sua produção *Marca registrada* (1975) critica esses afazeres domésticos costurando com agulha e linha preta na sola do seu pé a frase “*Made in Brasil*”.

Figura 34 - *Marca registrada* - Letícia Parente, 1975

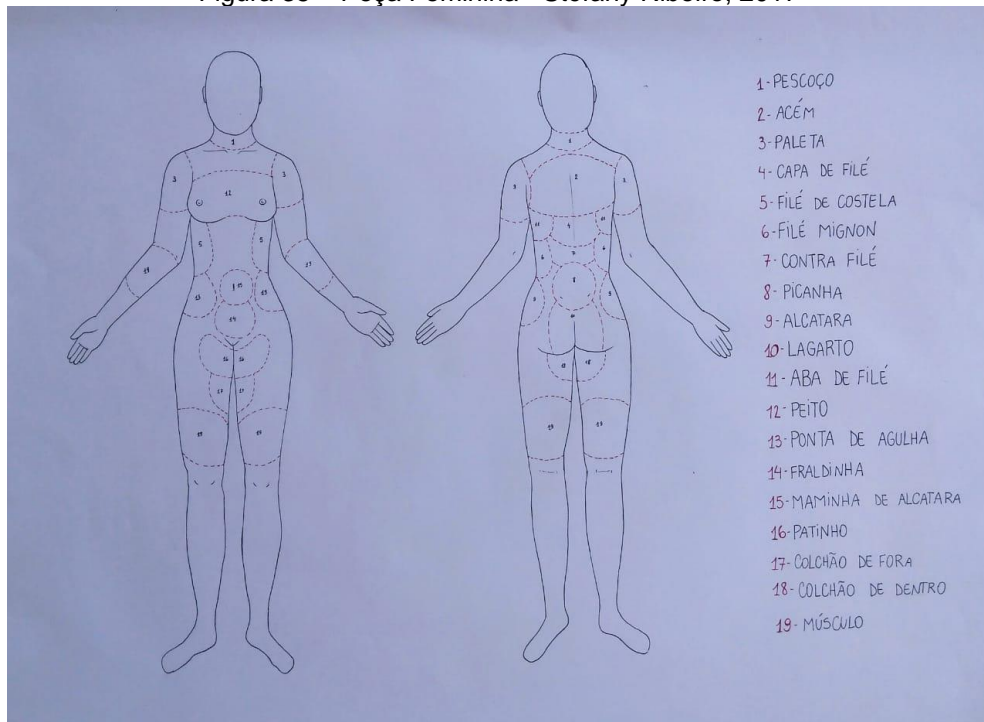


Fonte: <https://www.pipaprize.com/wp-content/uploads/2018/04/Leticia-Parente-800x600.jpg>

A estudante de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC, **Stéfany Ribeiro** (1998), relaciona questões sociais com corpos femininos, criticando o meio social

através de suas experiências enquanto mulher. O trabalho *Peça Feminina* (2017) em formato de cartaz, faz uma analogia ao corpo feminino com uma carne bovina vendida em açougues, retratando o comportamento social de objetificar corpos de mulheres/meninas.

Figura 35 – Peça Feminina - Stéfany Ribeiro, 2017



Fonte: Arquivo da Artista

Os trabalhos da artista cricumense **Bruna Ribeiro** (1993) trazem a poética do feminino de uma forma a valorizar o corpo e identidade que nós mulheres/meninas habitamos. No cartaz *Eu Sou Minha Própria Musa* (2016) a artista quebra o estereótipo da imagem da mulher como musa, colocando-se como protagonista de sua história.

Figura 36 – Eu Sou Minha Própria Musa - Bruna Ribeiro, 2016

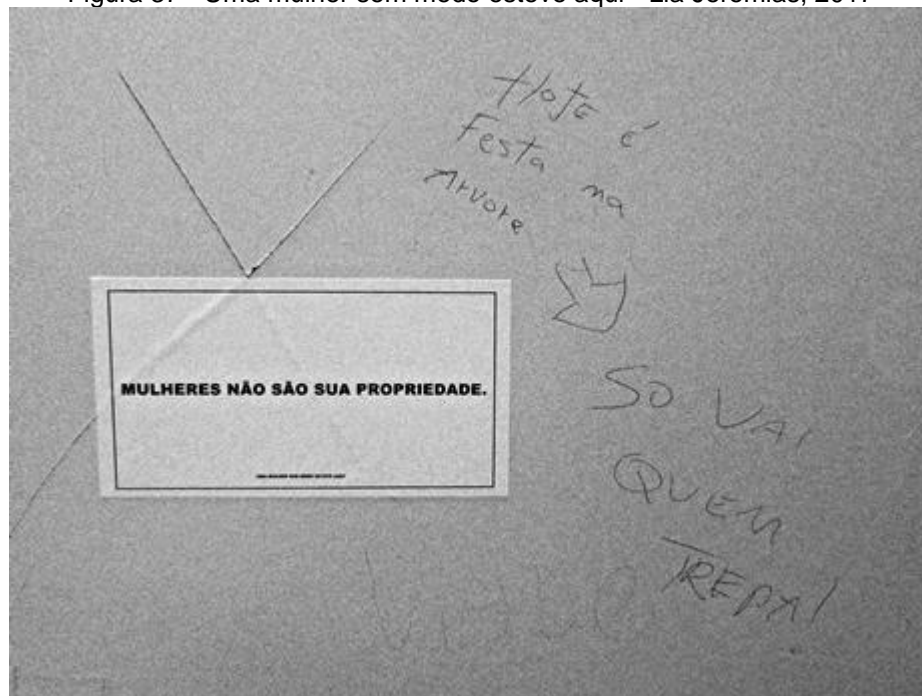


**EU SOU MINHA  
PRÓPRIA MUSA**

Fonte: Arquivo da Artista

A acadêmica de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, Lia Jeremias (1998), na sua intervenção *Uma mulher sem medo esteve aqui* (2017), instala adesivos em portas de banheiros masculinos da UNESC, em resposta aos comentários machistas escritos nas portas e paredes. Com essa ação, a artista cria uma relação de comunicação, respondendo e enfrentando os discursos de ódios que ferem e matam.

Figura 37 - Uma mulher sem medo esteve aqui - Lia Jeremias, 2017



Fonte: Arquivo da Artista

Figura 38 - Uma mulher sem medo esteve aqui - Lia Jeremias, 2017

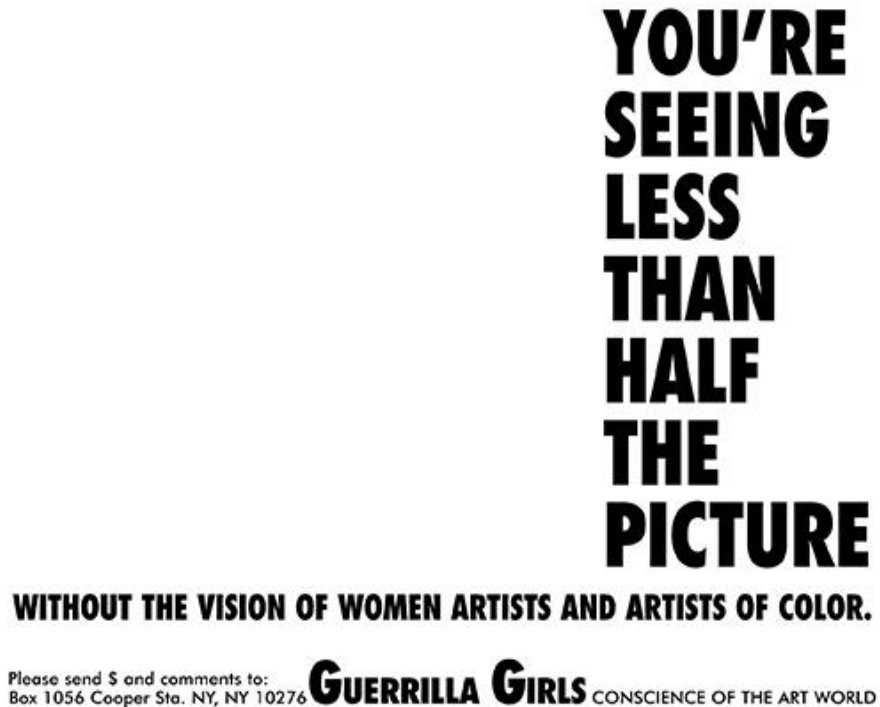


Fonte: Arquivo da Artista

Alguns dados do grupo de artistas **Guerrilla Girls** denunciam também a invisibilidade da mulher artista no circuito de arte. As **Guerrilla Girls** se definiam como ativistas feministas que usavam máscaras de gorilas, como super heroínas, buscavam lutar pelos direitos das cidadãs. As produções a seguir enfatizam a

desigualdade entre homens x mulheres nos espaços de arte e no meio social.

Figura 39 – Poster – *Guerrilla Girls*, 1989<sup>8</sup>



Fonte: <https://tiempodeactuar.es/wp-content/uploads/sites/235/16.jpg>

---

<sup>8</sup> Tradução da Figura 39 - Poster – *Guerrilla Girls*, 1989:  
**VOCÊ ESTÁ VENDENDO MENOS DA METADE DA IMAGEM.**  
FALTA A VISÃO DE ARTISTAS MULHERES E ARTISTAS NÃO BRANCAS/OS.

Figura 40 – Poster – *Guerrilla Girls*, 1989<sup>9</sup>

# BUS COMPANIES ARE MORE ENLIGHTENED THAN NYC ART GALLERIES.

## % of women in the following jobs\*

<b>Bus Drivers</b>	<b>49.2%</b>
<b>Sales Persons</b>	<b>48</b>
<b>Managers</b>	<b>43</b>
<b>Mail Carriers</b>	<b>17.2</b>
<b>Artists represented by 33 major NYC art galleries</b>	<b>16</b>
<b>Truck Drivers</b>	<b>8.9</b>
<b>Welders</b>	<b>4.8</b>

Please send \$ and comments to:  
Box 1056 Cooper Sta. NY, NY 10276

**GUERRILLA GIRLS**

\* Sources: U.S. Bureau of Labor Statistics, *Art in America Annual*

CONSCIENCE OF THE ART WORLD

Fonte: <https://www.guerrillagirls.com/projects/>

Durante o desenvolvimento desse capítulo sobre as mulheres artistas, motivada pelo desejo de tornar pública essa pesquisa e suas inquietações, produzi alguns cartazes a partir dos trabalhos das *Guerrilla Girls*, apresentando a invisibilidade da mulher artista feminista no livro didático analisado.

<sup>9</sup> Tradução da Figura 40 - Poster – *Guerrilla Girls*, 1989:

**EMPRESAS DE ÔNIBUS SÃO MAIS ESCLARECIDAS DO QUE AS GALERIAS DE ARTE DE NOVA YORK.**

% de mulheres nos seguintes cargos %

<b>Motoristas de ônibus</b>	<b>49,2%</b>
<b>Vendedoras</b>	<b>48%</b>
<b>Gerentes</b>	<b>43%</b>
<b>Carteiras</b>	<b>17,2%</b>
<b>Artistas representadas por 33 importantes galerias de arte de Nova York</b>	<b>16%</b>
<b>Motoristas de caminhão</b>	<b>8,9%</b>
<b>Soldadoras</b>	<b>4,8%</b>

\*Fontes: Departamento de Estatísticas do Trabalho dos Estados Unidos, *Art in America Annual*



**Q. QUANTOS TRABALHOS  
FEMINISTAS DE ARTISTAS MULHERES  
APARECEM NO LIVRO DIDÁTICO?**

**R.**



**ESTES AUTORES(AS) NÃO ESCREVEM O  
SUFICIENTE SOBRE ARTISTAS MULHERES  
FEMINISTAS:**

- **Daniela Libâneo**
- **Fábio Sardo**
- **Pascoal Ferrari**
- **Solange Utuari**

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DA  
**CAROL MACHADO**  
CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

**VOCÊ  
ESTÁ  
VENDO  
MENOS DA  
METADE  
DA  
IMAGEM**

**FALTA A VISÃO DE ARTISTAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS.**

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DA **CAROL MACHADO** CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

# **É AINDA PIOR NOS LIVROS DIDÁTICOS**

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DA  
**CAROL MACHADO**  
CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

A poética das produções dessas mulheres artistas desperta os(as) professores(as), alunos(as) e artistas a serem artistas nessa temática, e a lutarem por direitos iguais entre gêneros, um ambiente social sem violência e não patriarcal.

Por isso, mais uma vez, reafirmo a importância de citar o trabalho dessas mulheres artistas nas aulas de Artes, mesmo vivenciando uma realidade atípica da educação no Brasil, que exige cuidado ao abordar certos temas em sala de aula.

O feminismo que luta por direitos iguais e pelo fim da violência contra mulheres/meninas ainda é visto como um movimento de bagunça e baixa importância na sociedade, muitas artistas não se consideram feministas, com medo de serem julgadas, esse pensamento também se perpetua no ambiente escolar, incentivando o medo de se trabalhar tal temática. "A grande produção das mulheres nas artes visuais hoje no Brasil tem paulatinamente incorporado as conquistas feministas, mas o medo de ser considerada feminista ainda ronda as mulheres artistas." (BARBOSA et al., 2019, p. 81)

No momento em que vivemos, onde o pensamento crítico é condenado, mais do que nunca, não podemos nos silenciar. Contudo, devemos resistir e continuar lutando por uma educação e sociedade mais justa, crítica e unida.

## **5 OFICINA: MULHER ARTISTA PRESENTE!**

### **5.1 JUSTIFICATIVA**

A mulher artista feminista precisa ter o seu lugar ocupado nas aulas de Artes, nos livros didáticos e no circuito de arte. O ativismo das artistas feministas expõe a luta ainda vivida por muitas mulheres contemporâneas, que ainda precisam ir para as ruas pedir por seus direitos, pois infelizmente a desigualdade de gênero está presente em quase todos os ambientes sociais, inclusive na sala de aula e no circuito de arte. As produções artísticas dessas mulheres não apenas denunciam suas vivências pessoais, mas também se conectam com realidades de várias mulheres e meninas, dando-lhes visibilidade e voz.

Esta proposta de oficina é direcionada aos professores(as) da disciplina de Artes do Ensino Médio, e tem como objetivo oportunizar o contato com a produção artística das artistas mulheres feministas, propondo reflexões sobre conceitos de feminismo, e uma análise sobre os livros didáticos usados pelas aulas da disciplina de Artes do Ensino Médio da rede pública de educação do Estado de Santa Catarina. A partir das produções artísticas, conceitos e análises apresentadas, a oficina propõe a produção de cartazes com imagens, textos e informações que provoquem reflexões sobre as problemáticas apresentadas, que posteriormente, poderão ser usados para fomentar debates em sala de aula.

A oficina “*Mulher Artista Presente*” configura-se como um espaço de formação para professores(as), capacitando-os(as) a partir da produção artística de mulheres artistas e análise crítica sobre a ausência das questões feministas nos livros didáticos e nas aulas de Artes, para promover reflexões e debates sobre o contexto social e político da mulher, abrindo espaço de fala para as alunas.

### **5.2 OBJETIVO GERAL**

Apresentar a produção artística de artistas mulheres e analisar criticamente a ausência das questões feministas nos livros didáticos, fomentando a produção artística e o espaço de reflexão e debate dentro das aulas de Artes.

### 5.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer a produção artística de mulheres artistas feministas.
- Analisar e debater sobre a presença de mulheres artistas no livro didático da disciplina de Artes do Ensino Médio.
- Elaborar cartazes a partir das reflexões propostas no decorrer da oficina.
- Fomentar espaços de reflexão de debates sobre a produção artística feminista nas aulas de Artes.

### 5.4 CARGA HORÁRIA

05 horas

### 5.5 EMENTA

Produção artística das mulheres artistas feministas. Conceitos de feminismo. Análise e debates sobre a presença das mulheres artistas no livro didático da disciplina de Artes do Ensino Médio. Criação de cartazes a partir das reflexões propostas no decorrer da oficina.

### 5.6 PÚBLICO ALVO

Professores(as) de Artes do Ensino Médio da rede pública de ensino.

### 5.7 METODOLOGIA

Com base nas questões sobre o lugar da mulher artista nos livros didáticos do Ensino Médio estadual e o ativismo de artistas mulheres feministas, a oficina é voltada para professores(as) de Artes do Ensino Médio da rede pública.

No primeiro momento da oficina, apresentarei a produção artística de artistas mulheres feministas como: **Françoise Gilot, Lee Miller, Margaret Keane, María**

**Luisa Bemberg, Josely Carvalho, Isabel Castro, Liliane Dardot, Ana Victoria Jiménez, Leticia Parente, *Guerrilla Girls*, Stéfany Ribeiro, Bruna Ribeiro, Talia Jeremias, e Carol Machado.** A partir dos trabalhos apresentados, abordarei conceitos de feminismo, com o objetivo de desmistificar certos preconceitos. Em seguida, faremos uma análise crítica sobre o livro didático de Artes do Ensino Médio estadual, refletindo sobre como são apresentadas as mulheres artistas e suas produções. Contudo, finalizo a oficina propondo a produção de cartazes, realizadas pelos(as) professores(as), usando imagens, textos e informações que provoquem reflexões sobre o espaço da mulher artista nos livros didáticos e aulas de Artes, baseado nos cartazes das ***Guerrilla Grils***, que poderão ser usados para fomentar debates no espaço da escola.

## 5.8 REFERÊNCIAS

ABREU, Carla de. **Imagens que não afetam:** Questões de gênero no ensino da arte desde a perspectiva crítica feminista e cultura visual. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Desktop/TCC/carla\_de\_abreu.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2019.

CALIL, Beatriz. **Pequeno Guia de Incríveis Artistas Mulheres:** Que sempre foram consideradas menos importantes que seus maridos. São Paulo: Urutau, 2018. 58 p.

COUTINHO, Andréa Senra. **Poéticas do Feminino/Feminismo na Arte Contemporânea:** Transgressões para o Ensino de Artes Visuais em Escolas. 2009. 264 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2009.

COUTINHO, Andréa Senra; LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Artes Visuais e Feminismos:** Implicações Pedagógicas. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Desktop/TCC/TEXT0%20LUCIANA%20FEMINISMO%20E%20ARTE.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2019.

GIUNTA, Andrea; FAJARDO-HILL, Cecilia. **Mulheres Radicais:** arte latino-americana, 1960 - 1985. São Paulo: Pinacoteca: Barbara Mastrobuono, 2018. 384 p.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** 2016. Tradução de: Juliana Vacaro. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Desktop/TCC/Por%20que%20não%20houve%20grandes%20mulheres%20artistas.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 184 p.

PEDROSA, Adriano; BECHELANY, Camila. **Guerrilla Girls:** Gráfica 1985 - 2017.



São Paulo: Masp: Ipsis Gráfica e Editora, 2017. 128 p.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum:** Para todas, todes e todos. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 126 p.

UTUARI, Solange et al. **Arte por toda parte:** Ensino médio componente curricular Arte. 2. ed. São Paulo: Ftd S.a., 2016. 432 p.

## 6 MULHER ARTISTA, HOJE E SEMPRE

A pesquisa desenvolvida como trabalho de conclusão do Curso de Artes Visuais – Licenciatura teve como objetivo geral investigar o livro didático de Artes, usado pelo Ensino Médio da rede estadual de Santa Catarina, para compreender como se constrói o lugar de fala das mulheres artistas no contexto das aulas de Artes. Tendo assim, como objetivos específicos, pesquisar como o livro didático de Artes apresenta as mulheres artistas e suas produções, elaborar estudos sobre mulheres artistas feministas contemporâneas e relatar experiências de estágios e da minha própria produção artística.

A cartografia foi o procedimento metodológico usado para desenvolver tais problemáticas, tendo como fonte de pesquisa textos de autoras mulheres, produções artísticas também de mulheres e o objeto de investigação: o livro didático da disciplina de Artes. Vale destacar que a opção por utilizar apenas referências de autoras e artistas mulheres tornou a pesquisa um pouco mais difícil, porém, se fez necessário para reafirmar a necessidade de dar voz as mulheres artistas e pesquisadoras.

A partir da análise do livro *Arte por toda parte* (2016) pode-se concluir que o número de mulheres artistas apresentadas ainda é inferior ao número de homens artistas presentes neste material didático analisado. As descrições sobre as mulheres artistas e suas produções não apresentava profundidade no que diz respeito a seus processos poéticos. Contudo, muitas mulheres artistas são ativistas feministas e seu ativismo reflete em suas produções, outro dado importante que não é mencionado no livro. O pouco espaço e/ou ausência das mulheres artistas nos circuitos de arte, ao longo da história, também não é abordado. Conseqüentemente, a falta de referências de mulheres artistas feministas nos livros didáticos do Ensino Médio reflete nas aulas de Artes, em que não há espaços de debate sobre essa temática e abertura para fala e escuta de vivências das alunas.

Concluindo a pesquisa, podemos afirmar que há uma necessidade de inserir mulheres artistas feministas nas aulas de Artes, pois oportuniza os debates sobre o espaço social e político em que a mulher está inserida, possibilitando que as meninas do ambiente escolar ocupem seu lugar de fala e protagonismo. Assim, conhecer mulheres artistas amplia o olhar sobre arte e instiga os(as) alunos(as) a

refletirem sobre o papel da mulher na sociedade, produzindo suas próprias produções.

No que diz respeito à visibilidade das mulheres artistas feministas no contexto das aulas de artes, ainda há um longo caminho a ser percorrido, muitas pesquisas recentes têm explorado essa temática, mas, por se tratar de uma discussão nova, muitos preconceitos e tabus precisam ser quebrados.

Eu como mulher, artista, professora em formação e feminista, busco nas minhas produções, aulas e projetos ocupar espaços em que mulheres artistas não estão presentes, compartilhando minhas experiências e fomentando o debate sobre a importância dos feminismos. Contudo, sinto-me engajada em ajudar na construção de uma sociedade mais igualitária, buscando o respeito aos corpos femininos e o combatendo a violência contra meninas e mulheres.

Seguimos resistindo, hoje e sempre!

## REFERÊNCIAS

ABREU, Carla de. **Imagens que não afetam**: Questões de gênero no ensino da arte desde a perspectiva crítica feminista e cultura visual. 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/carol/Desktop/TCC/carla\\_de\\_abreu.pdf](file:///C:/Users/carol/Desktop/TCC/carla_de_abreu.pdf)>. Acesso em: 03 nov. 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: Um manifesto. São Paulo: Schwarcz S.a., 2018. 96 p. Tradução de: Denise Bottmann.

BARBOSA, Ana Mae et al. **Mulheres não devem ficar em silêncio**: Arte, design, educação. São Paulo: Cortez, 2019. 440 p.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 344 p. Tradução de: Sérgio Milliet.

CALIL, Beatriz. **Pequeno Guia de Incríveis Artistas Mulheres**: Que sempre foram consideradas menos importantes que seus maridos. São Paulo: Urutau, 2018. 58 p.

COUTINHO, Andréa Senra. **Poéticas do Feminino/Feminismo na Arte Contemporânea**: Transgressões para o Ensino de Artes Visuais em Escolas. 2009. 264 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2009.

COUTINHO, Andréa Senra; LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Artes Visuais e Feminismos**: Implicações Pedagógicas. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Desktop/TCC/TEXTO%20LUCIANA%20FEMINISMO%20E%20ARTE.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2019.

GIUNTA, Andrea; FAJARDO-HILL, Cecilia. **Mulheres Radicais**: arte latino-americana, 1960 - 1985. São Paulo: Pinacoteca: Barbara Mastrobuono, 2018. 384 p.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** 2016. Tradução de: Juliana Vacaro. Disponível em: <file:///C:/Users/carol/Desktop/TCC/Por%20que%20n%20%20houve%20grandes%20mulheres%20artistas.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 184 p.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais).

PEDROSA, Adriano; BECHELANY, Camila. **Guerrilla Girls**: Gráfica 1985 - 2017. São Paulo: Masp: Ipsis Gráfica e Editora, 2017. 128 p.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**: Para todas, todes e todos. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 126 p.

UTUARI, Solange et al. **Arte por toda parte**: Ensino médio componente curricular Arte. 2. ed. São Paulo: Ftd S.a., 2016. 432 p.

# **É AINDA PIOR NOS LIVROS DIDÁTICOS**

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DA  
**CAROL MACHADO**  
CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

**ESTES AUTORES(AS) NÃO ESCREVEM O  
SUFICIENTE SOBRE ARTISTAS  
MULHERES FEMINISTAS:**

- **Daniela Libâneo**
- **Fábio Sardo**
- **Pascoal Ferrari**
- **Solange Utuari**

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DA  
**CAROL MACHADO**  
CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

**VOCÊ  
ESTÁ  
VENDO  
MENOS DA  
METADE  
DA  
IMAGEM**

**FALTA A VISÃO DE ARTISTAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS.**



**Q. QUANTOS TRABALHOS FEMINISTAS DE  
ARTISTAS MULHERES APARECEM NO  
LIVRO DIDÁTICO?**

**R.**

